UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

TANIELI DE MORAES GUIMARÃES SILVA

"VOCÊ TEM QUE FICAR MANOBRANDO AS COISAS": LESBIANIDADES, VIOLÊNCIAS COTIDIANAS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA

GOIÂNIA
2015

TANIELI DE MORAES GUIMARÃES SILVA

"VOCÊ TEM QUE FICAR MANOBRANDO AS COISAS": LESBIANIDADES, VIOLÊNCIAS COTIDIANAS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Mestrado) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito final à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Telma Camargo da Silva

GOIÂNIA
2015

TANIELI DE MORAES GUIMARÃES SILVA

"VOCÊ TEM QUE FICAR MANOBRANDO AS COISAS": LESBIANIDADES, VIOLÊNCIAS COTIDIANAS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Mestrado) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito final à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada pela Banca Examinadora em _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Telma Camargo da Silva – UFG
Presidente da Banca

_____

Prof.ª Dr.ª Miriam Pillar Grossi – UFSC
Membro Efetivo

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Luiza Rodrigues Souza – UFG
Membro Efetivo

_____

Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz – UFG
Membro Suplente

À memória de uma das mulheres da minha vida, Maria Tâmara de Moraes.

AGRADECIMENTOS

Com sinceridade, agradeço

À Fapeg – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, por ter me concedido uma bolsa para realização dessa pesquisa;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG;

À professora Lenise Santana Borges, por ter participado da minha banca de qualificação com contribuições valiosas para essa pesquisa;

À professora Maria Luiza Rodrigues Souza, também por ter feito parte da minha banca de qualificação, por toda a leveza nos apontamentos feitos e por ter topado participar da banca de defesa;

Ao professor Camilo Albuquerque de Braz, por ter sido meu primeiro orientador de pesquisa e, assim, um importante marco no meu percurso acadêmico;

À professora Miriam Pillar Grossi, por ter aceitado dialogar comigo fazendo parte da banca de defesa;

À minha queridíssima orientadora Telma Camargo da Silva, por todos os cafés, almoços e lanches de orientação com tanta dedicação, responsabilidade, calma e cuidado;

À Brisa Evangelista, por ter dividido comigo vários momentos desses dois anos de mestrado;

À Larissa Alves, Camila Caires, Brenda Abreu, Patrícia Sardinha e Camila Ragonezi pelas leituras da dissertação ainda em processo;

À Ana Luiza Krüger, pela presença nos momentos bons e principalmente nos momentos difíceis, e por ser minha melhor revisora;

À Mariah Guerra, por ser amor, companheirismo, inspiração, crítica, calmaria, conforto e motivação;

Aos meus pais e às minhas irmãs, por serem casa e amor;

Aos meus sobrinhos, por serem fôlego na minha vida.

Por fim, agradeço imensamente a todas as interlocutoras que participaram dessa pesquisa.

A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.

(Grande Sertão Veredas - Guimarães Rosa)

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre lesbianidades, violências cotidianas e “manobras”, a partir de trajetórias de vida de mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres em Goiânia. O eixo teórico central é constituído por teorizações de Butler (2000; 2010) acerca de gênero e sexualidade, de Das (1999) sobre violência, e Ortner (2007) acerca de agência. O método utilizado é o da História de Vida e o etnográfico, tendo sido realizadas observações participantes em bares, boates, casas, entre outros espaços, e entrevistas semiestruturadas com dez mulheres de 24 a 30 anos. Por meio das histórias de vida apresentadas, é possível perceber que mulheres lésbicas estão marcadas de forma mais ou menos intensa e direta por violências cotidianas, sendo que estas podem estar inseridas em todos os seus contextos, sendo que dois desses serão problematizados aqui: o familiar e o religioso. Frente a essa realidade, mulheres lésbicas têm que “manobrar as coisas”, ou seja, precisam desenvolver estratégias e habilidades para se defender. Assim, a “manobra” é uma forma de agência, é resistência frente à sociedade heteronormativa que insiste em forçar uma coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Porém há uma relação entre desejo-violência-culpa que perpassa a maioria das trajetórias aqui presentes, o que evidencia que resistir não é tarefa fácil.

Palavras-chave: lesbianidades, violência cotidiana, trajetórias de vida, dinâmicas familiares, dinâmicas religiosas.

ABSTRACT

This work aims to reflect about lesbian existences daily violence and “handlings”, from life trajectories of women who have affective-sexual relationships with other women in Goiânia. The main theoretical axis consists of theorizations from Butler (2000; 2010) about gender and sexuality, Das (1999) about violence, and Ortner (2007) about agency. The method used is the Life History and the ethnographic, with participant observations carried out in bars, nightclubs, houses, among other spaces, and semi-structured interviews with ten women from 24 to 30 years old. Through the life stories presented, it is possible to see that lesbian women are marked, in a more or less intense and direct way, by daily violence, which can be embedded in all of their contexts. Two of them are problematized here: the family and the religious ones. Faced at this reality, lesbian women have to “handle things”, in other words, they have to develop strategies and abilities to defend themselves. Therefore, “handling” is a form of agency, a resistance to a heteronormative society that insists on forcing a coherence among sex, gender, desire and sexual practice. However, there is a relation of desire-violence-guilt that permeates most of the trajectories presented here, which makes it evident that resisting is not an easy task.

Keywords: lesbian existences, daily violence, life trajectories, family dynamics, religious dynamics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALEGO	Associação de Lésbicas de Goiás
GGB	Grupo Gay da Bahia
GLG	Grupo Lésbico de Goiás
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
ONG	Organização não governamental
SDH	Secretaria de Direitos Humanos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFG	Universidade Federal de Goiás

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Rede social inicial 24

Figura 2 – Conversa via *Facebook* com Bárbara..... 28

Figura 3 - Rede social I formada em campo 30

Figura 4 – Rede social II formada em campo – As "Biscasapiens" 34

Figura 5 - Mapa da homofobia no Brasil 106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

1. PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O CAMPO **23**

1.1. As tentativas de inserção no campo **23**

1.2. A inserção no grupo **30**

1.3. O grupo – As Biscasapiens **34**

1.4. Mudando o foco **37**

2. LESBIANIDADES E DINÂMICAS FAMILIARES **39**

2.1. Rita e Cecília **40**

2.2. Tina **52**

2.3. Silvia **62**

3. LESBIANIDADES E DINÂMICAS RELIGIOSAS **70**

3.1. Gabriela **71**

3.2. Laura **81**

3.3. Bruna **93**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **103**

REFERÊNCIAS **109**

GLOSSÁRIO **113**

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista **114**

APÊNDICE B – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido **115**

INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva refletir sobre lesbianidades, violências cotidianas e "manobras", a partir de trajetórias de vida de mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres em Goiânia. O objetivo central aqui é evidenciar como a violência está marcadamente presente no percurso de lésbicas, as quais precisam "manobrar", ou seja, criar formas de driblar e lidar com uma realidade que tenta negar a possibilidade de seus desejos afetivo-sexuais.

Antes de chegar até essa questão central, iniciei essa pesquisa investigando algumas relações entre envelhecimentos e lesbianidades. Porém, ao falar sobre envelhecimento, minhas interlocutoras trouxeram elementos do passado, experiências que viveram, as quais fizeram com que elas envelhecessem e se tornassem quem são no presente. O envelhecer surgiu como resultado de um processo, o qual passou a ser foco dessa dissertação. Isso porque todas as histórias relatadas estavam perpassadas por violências que essas mulheres vivenciaram/vivenciam e por consequentes "manobras" que as mesmas fizeram/fazem na tentativa de se defender. Assim, percebi que o campo evidenciou novas questões, as quais não poderiam ser ignoradas e silenciadas por mim.

É importante dizer que esse trabalho adota a categoria *lésbica* para se referir às mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres. Tal escolha não desconhece o fato de que os modos de autorreferencialidades vão além de categorias fixas e que é preciso estar atenta para os usos dos mesmos, de forma a não excluir quem não se sente representada por alguma categoria. Aqui utilizo a categoria *lesbianidades* no plural na tentativa de não criar modelos rígidos de identidade e de abarcar a multiplicidade, não só social e histórica, mas também subjetiva, de mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres. Minhas interlocutoras afirmam essa pluralidade em suas histórias ao evidenciar que, para além de serem mulheres que desejam mulheres, todas as suas vivências enquanto lésbicas, seja com a família ou com a igreja, não se enquadram num modelo único de experienciar sua sexualidade.

Nessa pesquisa, estabeleci dois critérios para escolha das interlocutoras: serem mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres e serem residentes em Goiânia. Assim, o campo foi realizado com dez mulheres que possuem idades que variam de 24 a 30 anos. Dentre elas, seis se declararam brancas, duas negras,

uma amarela e uma parda; todas possuem curso superior completo e se enquadram dentro da classe média.

Para entender melhor o cenário em que essas mulheres estão inseridas, faço a seguir uma breve contextualização acerca da cidade em questão. Goiânia é a capital do estado de Goiás e possui - de acordo com o IBGE em 2014 - aproximadamente 1.412.364 habitantes. Segundo Braz & Mello (2012), o movimento LGBT emergiu em Goiás em 1990 tendo como principal luta a conquista da liberdade sexual. Em um contexto de iniciação de estudos sobre homossexualidade nas universidades, a efetivação do movimento se deu com grupos de enfrentamento da epidemia da Aids.

A primeira organização não-governamental LGBT criada foi a Ipê Rosa no ano de 1995. Em 2000, houve a constituição do GLG (Grupo Lésbico de Goiás) e do Labris – Núcleo de Mulheres, este dentro da ONG Ipê Rosa. Em 2007, o grupo Lilases foi criado a partir de um grupo LGBT criado anteriormente dentro da UFG, o Colcha de Retalhos – a UFG saindo do armário. É importante destacar que grande parte das integrantes do Lilases passou por formações feministas na ONG feminista Transas do Corpo, atuante em Goiânia desde 1980 (BRAZ & MELLO, 2012).

No ano de 1996, ocorreu a primeira parada do orgulho LGBT em Goiânia, momento em que o movimento LGBT se tornou mais visível. Foram “9 gays, 20 policiais e a imprensa local” (BRAZ & MELLO, 2012, p. 33) e nenhuma lésbica. Esse dado é importante, porque a ausência de mulheres lésbicas nos espaços públicos não se restringe a essa data. Segundo Urany (2008), o movimento LGBT em Goiânia tem uma hegemonia do segmento gay, o qual tem maior representatividade e maior poder de mobilização, e na tentativa de mudar isso, há um movimento para produzir visibilidade às lésbicas e travestis.

Na cidade é possível perceber um mercado erótico em expansão, que inclui sex-shops, boutiques eróticas ou casas de swing e ainda um relativamente expressivo mercado de lazer e sociabilidade “GLS”, que inclui boates, bares, além de locais comerciais para sexo entre homens, como saunas e cinemas pornográficos. Porém, Braz *et al* (2012) pontuam que em Goiânia há muitos lugares que são considerados mistos, ou seja, não restritos a um determinado segmento, que além de serem muito mais frequentados por homens, são, em grande medida, concebidos para o público masculino gay. Há um mercado GLS que é na verdade G, o que reafirma a lógica machista, a qual invisibiliza e silencia mulheres em vários âmbitos sociais.

Esse fator se refletiu na minha pesquisa no momento em que precisei encontrar possíveis interlocutoras para meu trabalho. Uma das perguntas iniciais que fiz às mulheres com as quais eu entrei em contato – via redes sociais (*social networks*) – foi em relação aos lugares que elas conheciam que eram frequentados majoritariamente por lésbicas. Ouvi de quase todas que elas não sabiam ou que não seria possível encontrar o que eu estava procurando. Tais falas não confirmam a inexistência de estabelecimentos lésbicos, mas com certeza coloca em pauta a invisibilidade que tais locais e frequentadoras possuem.

Refletir sobre lesbianidades coloca em questão estudos que versam sobre gênero e sexualidade. Assim, algumas questões teóricas defendidas por Butler (2000; 2010), Weeks (2000) e Louro (2003) foram norteadoras nessa pesquisa.

Butler (2010) constrói a ideia de que gênero tem um caráter performativo[1] no sentido de constituir a identidade que supostamente é fixa. Em suas palavras, "não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados" (p. 48). Esses aspectos são organizados dentro da matriz heterossexual, que instaura a inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados, sendo que as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir o gênero em conformidade com padrões de inteligibilidade deste, mantendo relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Para ela, o sexo seria cultural e não existiria um atributo de gênero por trás da identidade, já que esta seria construída por meio de performances, de uma prática contextual reiterativa de uma norma ou de um conjunto de normas, por meio das quais o discurso produz o que nomeia (BUTLER, 2000). Assim, à medida que a performatividade se concretiza como ato no presente, as convenções marcadas pelo aparato regulatório de heterossexualidade das quais ela é uma repetição são ocultadas ou dissimuladas. A identidade em si é performativa, por mais que as normas regulatórias do sexo e do gênero criem uma ideia de fixidez do corpo.

Jeffrey Weeks (2000) afirma que a sexualidade vai além do corpo e perpassa crenças, ideologias e imaginações, modeladas no interior de relações definidas por poder, negando qualquer possibilidade de a mesma ser vista como resultado de uma

[1]Pinto (2013) explica que o ato performativo seria "como propriedade da constituição do gênero e, mais tarde, do corpo e das normas em geral, sua repetição como forma de alteração, sua citação como deslocamentos de contextos nunca originais, a constituição do corpo como sua própria citação" (p. 36).

evolução simples e natural. O sexo passa a ser visto aqui como uma materialidade que não pode ser pensada deslocada das normas regulatórias, pois ele mesmo é uma das normas que viabiliza a legitimidade e a qualificação do corpo para a vida.

Assim, é a prática discursiva que tem o poder de regular e constranger fenômenos, produzindo então a materialidade dos corpos, do sexo desses e da diferença sexual que mantém a consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2000). Porém os corpos não são espaços vazios, eles também estão agindo, alterando a forma, a significação e a rede de relações visuais, discursivas e táteis que fazem parte de sua historicidade, de seu passado, presente e futuro constitutivos (Butler, 2004 apud Pinto, 2013).

Em outras palavras, dizer se é um menino ou uma menina vai além da descrição de um corpo; essa fala designa e define o mesmo. E é certo que é uma declaração que não se garante. A partir desse momento, há um grande investimento para a confirmação do que foi dito – e de tudo que está conectado a isso – por meio de repetição, citação e recitação, incontáveis vezes nos mais diversos contextos. E mesmo assim, tudo isso pode ser negado e subvertido. “O devir pode tomar muitas direções. O terreno do gênero é escorregadio e cheio de ambivalências” (LOURO, 2013, p. 32).

Com as normas, há legitimações e deslegitimações de existências. Mulheres lésbicas são apenas mais um exemplo de um desses corpos considerados pela lógica dominante como desimportantes; vidas que devem ser corrigidas, negadas. E o lugar reservado para essas pessoas é o silêncio. Sendo assim, as histórias contadas aqui tentam desmontar o esquema normativo e permitir que trajetórias-segredos se reafirmem como possíveis e reais (TIBURI, 2013).

As trajetórias de vida das interlocutoras evidenciaram que há uma cotidianização de violências, as quais também geram uma relação entre desejo-violência-culpa em muitas delas em algum momento da vida. Para refletir sobre violências, Veena Das (1999) teoriza, a partir do seu contexto etnográfico – Repartição da Índia –, que a noção de violência é construída social e historicamente. Assim, há o que está dentro das possibilidades de violência reconhecida nos limites humanos e o que extrapola os mesmos, passando a ser algo do “mundo das coisas, ou das feras, ou das máquinas” (p. 39). A autora ainda diz que há uma violência que é cotidiana e outra que é extraordinária, sendo que enquanto a segunda é silenciada ou contada de forma impessoal, sem autoria ou elementos autobiográficos (como um “slide congelado”), a primeira é encontrada nas narrativas de forma naturalizada. Isso porque o tempo é

responsável pela “reinscrição, reescritura ou revisão das memórias da violência” (p. 39), ou seja, o tempo age de forma a transformar o que é recordado sobre vivências violentas.

Assim, Das (1999) percebeu que, quando perguntava a respeito de acontecimentos envolvendo violências que faziam parte do cotidiano de suas interlocutoras, várias histórias eram relatadas com expressividade, ao passo que aqueles acontecimentos que trariam à tona violências não tão comuns ou até mesmo fora dos limites aceitáveis de um comportamento violento, ou não eram narrados ou eram contados a partir de uma dinâmica completamente diferente da primeira situação, criando assim uma ideia de não reconhecimento da violência extraordinária como algo que também diz da vivência e subjetividade de quem relata.

A violência aqui foi pensada a partir de dois contextos das interlocutoras: familiar e religioso – evangélico, os quais foram mais recorrentes. Fonseca (2005) afirma que o significado dado à família está conectado diretamente ao contexto social em questão, o qual faz com que haja várias dinâmicas familiares e modos diferentes de perceber e vivenciar a família.

Para a autora citada acima, há cinco pontos centrais dessa nova abordagem crítica acerca da família, tendo em vista que ela 1. transforma a família num “produto ideológico historicamente produzido” (FONSECA, 2007, p.13); 2. enfatiza estruturas implícitas de gênero, geração, sexualidade, raça e classe como marcas de segmentação e desigualdades sociais; 3. dá outro significado ao “cuidar”; 4. valoriza vivências da dinâmica familiar que constituem experiências não só de apoio, mas também de conflito e abuso; e, por fim, 5. rejeita a noção de família como uma unidade autônoma ou isolada.

Partindo desses cinco pontos, é possível refletir sobre o contexto religioso, tendo em vista que, assim como o contexto familiar, está relacionado a diversos significados sociais construídos por quem o vivencia (não se enquadrando num modelo único), em conexão com marcadores sociais que também geram divisões e desigualdades sociais. Sendo assim, utilizo as categorias *dinâmicas familiares* e *dinâmicas religiosas* para me referir às relações que minhas interlocutoras estabelecem com sua família e sua religião.

É importante dizer que não é possível fazer uma separação total entre tais dinâmicas, sendo que em algumas histórias uma dinâmica influencia a outra. Assim, a intenção aqui foi a de separar as trajetórias a partir de um eixo central e não único.

“Manobras” é uma categoria nativa que surgiu a partir da fala de uma interlocutora e que foi percebida em todas as outras histórias ao representar os processos de defesa que essas mulheres lésbicas têm que criar diante das violências sofridas cotidianamente pelas dinâmicas familiares e/ou religiosas. Suas defesas vêm em consequência das violências homofóbicas que sofrem e ora são para conseguirem preservar as práticas que compõem e expressam seus desejos afetivo-sexuais por outras mulheres, ora são para preservarem a continuidade de suas vidas, desde seus outros laços sociais até o extremo de sua vida orgânica.

Deste modo, “manobras” são entendidas como uma forma de agência. Segundo Ortner (2007), agência tem a ver com intencionalidade, a qual inclui ações que apontam cognitiva e emocionalmente para algum propósito; com construções culturais e históricas e; com relações complexas e contraditórias de poder e de desigualdade, nas quais o poder opera de cima para baixo como dominação e de baixo para cima como resistência. As “manobras” apresentadas aqui contêm em si as concepções tanto de defesas quanto de resistências contra a heteronormatividade.

O campo foi realizado de janeiro de 2014 a outubro de 2014. Mas já a partir das primeiras reuniões de orientação, comecei a me movimentar pelos meus espaços de socialização e por outros novos com o olhar atento para captar não só possíveis interlocutoras, mas também relações/comportamentos/ações que já tinham sido naturalizadas por mim e, assim, muitas vezes poderiam passar sem serem notadas. Falo em naturalização, porque sou uma mulher lésbica que vive em Goiânia e isso faz com que eu compartilhe algumas experiências e vivências mais ou menos comuns com minhas interlocutoras. No texto *Observando o Familiar*, Gilberto Velho (1981) coloca em pauta a discussão de que o familiar não é necessariamente conhecido e que o fato de duas pessoas viverem numa mesma sociedade não significa maior proximidade em relação àquelas que são de sociedades diferentes. Sendo assim, “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, conhecido” (p.126). Velho (1981) ainda diz que há um pressuposto constante de familiaridades e exotismos como fonte de conhecimento e desconhecimento, implicando assim em processos que envolvem dificuldades apenas diferentes. Então ser uma mulher lésbica e me propor a refletir sobre lesbianidades se torna possível à medida que confronto intelectual e emocionalmente diferentes versões e interpretações a respeito de experiências, fatos e situações.

A metodologia utilizada para encontrar interlocutoras para a pesquisa foi a das redes sociais (*social network*) baseado em Barnes (1987), o qual empregou pela primeira vez a ideia de rede social para descrever como noções de igualdade de classe eram usadas e como os laços pessoais de parentesco eram utilizados. A partir daí, outros autores empregaram ideias similares adequadas a contextos diferentes e particulares, evidenciando a utilidade da rede em diferentes situações sociais como, por exemplo, no estudo de pequenos grupos. Aqui, a rede passa a ser utilizada para evidenciar um modelo de relações sociais o mais próximo possível da realidade empírica, e não na tentativa de explicar o que as pessoas pensam que acontece ou pode acontecer. Assim, a "construção do modelo, o fato empírico crucial é que toda pessoa real impinge em outra, ou entra em contato com várias outras pessoas. (...) as linhas entrecruzam-se frequentemente, assim como forma, frequentemente também, circuitos fechados" (BARNES, 1987, p. 165).

Para a construção das redes sociais, adotei o método *Snowball*, que se utiliza de informantes chaves para localizar uma ou duas pessoas e, ao entrar em contato com elas, as mesmas listam outras pessoas dentro do contexto requerido, e essas indicam novas pessoas e assim sucessivamente (BERNARD, 1988).

Então pude iniciar o campo olhando para os meus grupos sociais na tentativa de encontrar interlocutoras para minha pesquisa ou outras pessoas que pudessem mediar a minha relação com essas mulheres. Isso porque ter uma facilitadora nesse momento me ajudaria bastante (BERNARD, 2008), tendo em vista que o meu objetivo era investigar um grupo de mulheres que são colocadas como desviantes e invisíveis pela sociedade heteronormativa (RICH, 2010).

Além dessas redes, também acionei o ciberespaço como um espaço que poderia me ajudar a encontrar interlocutoras e mediadoras para chegar até aquelas às quais eu não tinha acesso direto. Destaco o *Facebook*, com suas ferramentas de envio de mensagens privadas e de identificação de amigos em comum. Entrar no perfil de algumas possíveis interlocutoras que eu não conhecia e perceber que eram amigas de algumas mulheres lésbicas que eu já conhecia me ajudava a inferir determinados contextos e identificar novas mediadoras. Mais que o *Facebook*, o *WhatsApp* foi um aplicativo que permitiu com que eu entrasse em contato com algumas pessoas e principalmente conversasse todos os dias com minhas interlocutoras. Trocávamos mensagens, imagens, áudios, jogos e construímos ali um espaço de intimidade, o que ajudou no estabelecimento de afetos e laços e na constituição das redes sociais.

É importante destacar um ponto que exemplifica como as negociações do campo surgem constantemente e para além do previsto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B): em vários momentos desse processo, minha namorada (Clara) foi convocada pelas mulheres com as quais dialoguei tanto nos assuntos das conversas quanto nos convites para participar também dos programas propostos. A presença dela não havia sido algo que eu tinha planejado, mas percebi que isso poderia também contribuir para a concretização de aproximações e para a constituição do grupo de interlocução.

A partir do momento que encontrei possíveis interlocutoras, o método utilizado foi o etnográfico, tendo sido realizada, inicialmente, observação participante de um grupo com quatro das minhas interlocutoras – que já possuíam laços de afetos e amizades independentes da pesquisa – durante aproximadamente três meses em bares, como *Conversa de Boteco* (no Setor Marista), *Matuto Bar* (no Setor Universitário), *Lá em Casa* (no Setor Jardim América), entre outros, boates, como *El Club* (no Setor Sul) e *Metropolis Pub* (no Setor Sul) e nas casas de algumas delas. Num segundo momento, foram realizadas conversas gravadas com as mulheres desse grupo e com as outras seis interlocutoras, sendo que apenas com o grupo inicial tais conversas seguiram um roteiro (Apêndice A). As outras conversas foram abertas e tinham como proposta que cada uma contasse sua história enquanto uma mulher lésbica.

Depois dessas conversas, percebi que seis trajetórias estavam perpassadas por questões similares – dinâmicas familiares e religiosas – e, com base nisso, construí narrativas por meio do método da História de Vida. Spindola & Santos (2003) apontam que no relato de vida a pesquisadora tem que se ater ao ponto de vista do sujeito. Ao relatar sobre sua vida, a interlocutora também reflete sobre a mesma e a pesquisadora deve compreender esse processo, levando em conta as particularidades e não tentando objetivar as experiências que estão sendo expostas. Silva & Barros (2010) apresentam três etapas para a construção de histórias de vida: 1. transcrição das entrevistas; 2. textualização, na qual as perguntas da pesquisadora são retiradas ou adaptadas às falas; 3. transcriação, na qual há uma elaboração sintética do que foi percebido com a incorporação de elementos extra-textos na composição das narrativas.

Partindo da ideia de Gomes (2004), vê-se que a escrita de si permite traçar uma singularidade que é composta pela multiplicidade e fragmentação do indivíduo e de suas memórias, e ainda assim não falseia o desejo de uma identidade. A autora diz que é "exatamente porque o 'eu' do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as

práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo (p. 13)".

Sobre isso, Bourdieu (2006) alerta que há uma estabilidade e uma permanência nas histórias que não passam de ilusão. Segundo o autor, construir trajetórias é construir uma "série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações" (p. 189). Assim, não há qualquer possibilidade de compreender trajetórias de vida levando em conta que o sujeito e sua percepção sobre o mundo é constante e fixa. Ele ainda explica que isso

> equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construídos os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontadas com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2006, p. 190).

A partir disso, as trajetórias presentes nessa dissertação não têm a pretensão de criar uma ideia de linearidade de fatos e vivências. A preocupação não é dizer o que aconteceu, mas sim, colocar em pauta o que foi visto, sentido, experimentado, retrospectivamente, em relação a acontecimentos (GOMES, 2004), gerando então uma construção tanto de sujeitos quanto de narrativas.

Também não tenho como objetivo a promoção da visibilidade singularizada de cada uma delas (por mais que isso aconteça), mas sim a reafirmação de uma realidade que se repete com muitas outras mulheres e que é marcada por dor e sofrimento. Ao embarcar nas narrativas, quem lê tem a possibilidade de refletir sobre como é se perceber com o pecado que é "tão criminoso quanto matar alguém", como é "decepcionar Deus", como é ouvir "todo tipo de ameaça possível" do pai, como é realizar "o sonho dos pais de ter um filho gay", entre outras várias questões que podem surgir por meio da identificação e empatia com aquelas experiências ali relatadas.

Para a construção das histórias de vida dessa pesquisa, tive como inspiração o livro *Brazilian Women Speak – Contemporary Life Stories* de Daphne Patai (1988). A autora afirma que, por muito tempo, histórias de mulheres foram distorcidas por uma lógica androcêntrica. Assim, nos anos 80, Patai se propôs a trabalhar com a invisibilidade das mulheres contando histórias de brasileiras de quem não se ouvia falar

– empregadas domésticas, secretárias, operárias, cabeleireiras, prostitutas, estudantes, empresárias, donas de casa –, em diálogo com temas como compromissos, família, trabalho e homossexualidade.

Segundo Patai (1988), histórias de vida permitem reflexões sobre o contexto singular e ao mesmo tempo sobre o geral. Assim, à medida que minhas interlocutoras contam sobre suas experiências enquanto mulheres lésbicas que moram em Goiânia, sobre violências e "manobras", é possível refletir não só acerca da realidade micro em que elas estão inseridas, mas também do contexto macro em que vivem. Isso porque a heteronormatividade é uma construção social que reduz as possibilidades de vivências da sexualidade colocando qualquer orientação não-heterossexual como errada.

Como a autora citada acima, eu também escolhi apresentar as histórias das minhas interlocutoras em primeira pessoa, pois ter uma narradora observadora, que usa exemplos de falas das interlocutoras para confirmar ou exemplificar uma situação narrada, parecia fazer perder a força das histórias de cada uma dessas pessoas, que se aproximam mais dos leitores quando mantidas suas gírias, palavras e a própria forma de conduzir a história, de forma mais leve, pesada, rápida ou devagar, mantendo a forma como cada uma se expressa e a carga de afeto que transborda em suas falas.

Para destacar as histórias de vida construídas, escolhi formatá-las com Fonte (*Consolas*) e Recuo distintos do restante do texto. Ainda estabeleci alguns sinais gráficos para finalizar os capítulos (* * *) e para iniciar e finalizar uma história de vida (----------). As redes sociais ilustradas no primeiro capítulo também possuem algumas marcações em cores diferentes, que indicam destaques importantes, tais como minha relação com minha namorada (Clara), com uma interlocutora central (Silvia) e a relação desta com as outras interlocutoras que fizeram parte da pesquisa. Ademais, esse trabalho adota nomes fictícios para todas as interlocutoras apresentadas.

Além desta introdução, a dissertação é composta por quatro capítulos, sendo o último referente às considerações finais. No capítulo 1, é feita uma discussão sobre as facilidades e dificuldades da entrada e inserção no campo; os caminhos percorridos até chegar ao grupo em que foi realizada a observação participante; as reflexões possibilitadas pelo contato com as interlocutoras; por fim, a explicitação das novas questões que surgiram a partir do campo, as quais se referem às trajetórias marcadas por violências e "manobras".

O capítulo 2 apresenta três histórias: de Rita e Cecília, Tina e Silvia. A partir delas, é possível refletir sobre a relação entre lesbianidades e dinâmicas familiares. No

capítulo 3, as histórias de Gabriela, Laura e Bruna apresentam elementos para a problematização da relação entre lesbianidades e dinâmicas religiosas.

Ambos os capítulos são constituídos por histórias que convidam a um mergulho numa realidade que não é única e que está completamente conectada a uma série de temas como homofobia/apoio familiar, violência, religião, lesbianidades, saída do armário, estereótipo lésbico, entre outros. E é assim que elas se unem a mim na busca pelo fim dos silêncios que cercam as sexualidades fora da norma.

Por fim, nas considerações finais, retomo os pontos centrais de reflexão dos capítulos anteriores, na tentativa de gerar conclusões momentâneas e indicar possíveis contribuições para novas pesquisas.

1. PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O CAMPO

1.1. As tentativas de inserção no campo

"uai, só ir num boteco, não?"

Este capítulo problematiza uma questão importante referente à movimentação da minha entrada e inserção em campo. Foi um processo que aconteceu, num primeiro momento, de forma mais lenta e que com o tempo se intensificou. Após a liberação do Comitê de Ética e de minha orientadora para entrar em campo, o plano foi buscar formas de me inserir e, com isso, enfrentar as dificuldades já previstas nessa etapa da pesquisa (ALMEIDA, 2012; SILVA, 2013). Tais autoras evidenciam em suas pesquisas que, para além das questões preestabelecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a realidade se mostra muito mais complexa, exigindo uma contínua negociação durante a pesquisa de campo.

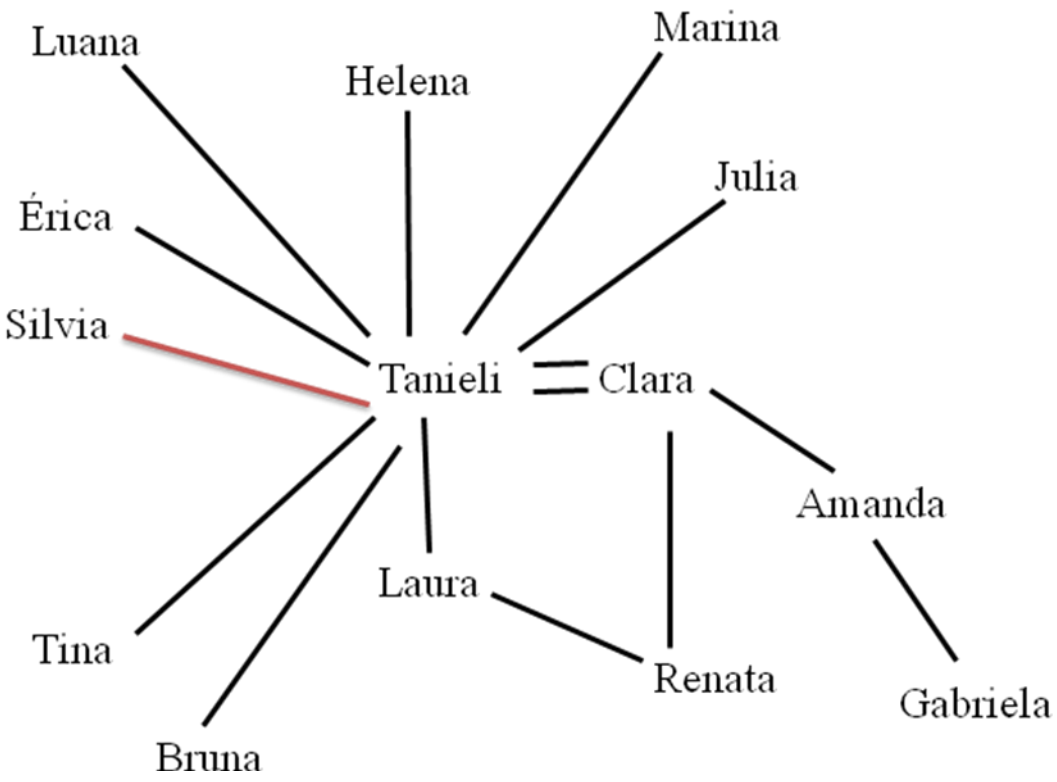
Grossi (1992), em seu texto *Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo"*, coloca em pauta a discussão sobre as implicações subjetivas da antropóloga, afirmando que isso define suas escolhas de pesquisa e o olhar que será dado em campo: "cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro em si mesmo a partir do encontro com o outro" (p. 16). Sendo assim, fui a campo com as seguintes questões: que caminho seguir? Qual seria o (meu) melhor jeito de abordar mulheres lésbicas e pedir para que me integrassem em seus grupos sociais, passando assim a me convidar para ir a bares, festas, baladas, encontros caseiros e todo tipo de atividades que fazem? Como me manter atenta às negociações de forma a conseguir fazer meu trabalho e principalmente respeitar o limite das minhas interlocutoras?

Levando em conta que meu objetivo inicial dizia respeito a questões sobre o envelhecimento[2] e que este é um processo dinâmico não determinado por uma faixa

[2] Para refletir sobre envelhecimento, tive como referencial teórico Simões (2004), em sua reflexão sobre o paradigma do curso da vida, o qual surge em contraste a três concepções acerca do desenvolvimento humano: ciclo de vida, vida como progressão/desenvolvimento e queda. Esse autor ressalta que essas são três concepções que supõem ordenação e previsibilidade no processo de vida humana. Assim, o curso de vida surge evidenciando que as mudanças históricas e culturais alteram os padrões de desenvolvimento e transição na vida adulta para diferentes grupos, gerações ou cortes. Ainda reconhece que qualquer ponto da trajetória de vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente.

etária específica, não condicionei também a escolha de minhas interlocutoras a partir da idade. Assim, utilizei a metodologia das redes sociais (BARNES, 1987) e do *Snowball* (BERNARD, 1988) para encontrar mulheres lésbicas residentes de Goiânia dispostas a participar da minha pesquisa. Meu primeiro movimento foi o de construir uma rede social a partir das mulheres lésbicas que eu tinha ao meu redor. A figura abaixo ilustra essa rede:

Figura 1 – Rede social inicial



A figura acima mostra que a minha relação com Clara está marcada de forma diferente para indicar que ela foi acionada não da mesma forma que as outras interlocutoras, e sim pelo seu lugar enquanto minha namorada. Clara foi uma figura importante também por mediar meu contato com Renata, Amanda e Gabriela, sendo que essa última foi uma das mulheres que me contou sua trajetória de vida conectada à dinâmica religiosa. Também destaco a presença de Silvia como uma facilitadora importante, tendo em vista que posteriormente me inseri em seu grupo de amigas.

Partindo, então, da minha rede social pessoal para o encontro de mediadoras e, assim, para o estabelecimento de contato com possíveis interlocutoras, quis abordar colegas/amigas/conhecidas perguntando se elas possuíam um grupo que se encontrava com uma frequência regular. Se sim, se estariam abertas a me convidar para um encontro com elas; se não, se conheciam alguém que possuía um grupo; e por fim, se sabiam me dizer em quais lugares eu poderia encontrar mulheres lésbicas em Goiânia fora dos meus grupos sociais.

Com vários contatos, consegui alcançar novas interlocutoras, mas apenas Silvia me disse imediatamente que pertencia a um grupo de mulheres lésbicas de idades variadas e que possivelmente me dariam abertura para fazer a pesquisa. Outros contatos que fiz me levaram até outras interlocutoras, mas elas só me mostraram como era uma tarefa difícil conseguir o que eu estava querendo, tendo em vista que o campo não estava dado.

Como Silvia foi a primeira pessoa a me dizer um sim, o grupo dela foi meu plano A para a construção da rede de interlocução. De imediato, ela me convidou para visitar a empresa recém-inaugurada de suas amigas, Anita e Virginia, que namoravam há aproximadamente cinco meses. Pude conhecer outra garota (Sofia) do grupo delas, que nos deu carona e, ainda, a namorada de Silvia (Ligia). Foi um encontro rápido que não permitiu muitos diálogos, então logo entendi que eu deveria ter também planos B, C, D, etc.

Assim, cheguei em casa e contatei outra colega (Marina), que joga futebol em dois times diferentes de Goiânia. Quem sabe o estereótipo da associação[3] de mulheres lésbicas com o futebol pudesse se confirmar e me favorecer? A resposta dela foi positiva e ela ficou de marcar um encontro ou um dia de jogo e me convidar, o que nunca aconteceu.

Para não me prender a esse plano, também solicitei amizade do perfil da ALEGO[4] (Associação de Lésbicas de Goiás) no *Facebook* e de uma ex-supervisora de estágio de quando eu estava na graduação em Psicologia, que já tinha me dito que é lésbica e que possuía um grande grupo de amigas que se encontravam com alta frequência. Ao conversar com outra amiga sobre meu mestrado e as dificuldades de inserção em campo, ela me disse que conhecia dois casais de mulheres e que mandaria

---

[3]Para saber mais sobre isso, buscar OLIVEIRA, Valleria Araujo de. Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é "ser mulher" no campo de futebol. Goiânia, 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás.

[4] https://www.facebook.com/alegogyn

e-mail para elas falando sobre a minha pesquisa e perguntando se elas pertenciam a algum grupo.

A primeira resposta que tive foi de um dos casais. Coincidentemente, eu já conhecia Rita, uma das integrantes de um deles, e ela se mostrou completamente disponível para participar da minha pesquisa e incluiu Cecília, sua companheira. Mas logo me disse que não faziam parte de um grupo de mulheres lésbicas:

> infelizmente quase não temos amigas lésbicas e, tampouco convivemos com lésbicas... e as poucas que convivíamos estão "virando heteros". hehe. Temos muitos amigos gays, não sei porque, de certa forma acho que não compartilhamos muito da "cultura" lésbica, daquele clichêzão de sair pra beber, fumar, jogar futebol ou sinuca. Porque os programas da maioria das amigas eram esses, e a gente sempre se sentia deslocada... aos poucos, acho que acabamos nos afastando, sei lá (Rita).

Essa fala de Rita explicita a existência de estereótipos lésbicos (mulheres que bebem, fumam e jogam futebol ou sinuca), os quais tentam construir uma coerência – naturalizada pela matriz heterossexual – entre sexo, gênero, prática sexual e desejo que não é real. Rita é uma prova disso à medida que não compartilha desses interesses.

Toledo (2008) apresenta uma série de outros estereótipos que dizem respeito à lesbianidade ou à mulher lésbica: 1. lésbica é um tipo de mulher desviante; 2. o que lésbicas fazem na cama não é sexo de verdade; 3. lésbicas são mulheres masculinizadas; 4. na relação lésbica há uma ativa e uma passiva; 5. lésbicas ou são promíscuas ou formam casais românticos assexuados; 6. lésbicas são mulheres que se frustraram com homens. A autora constrói a ideia de que várias mulheres lésbicas confirmam alguns desses estereótipos, mas é importante que eles não definam de forma fixa e constante as mulheres que desejam e ou se relacionam afetivo e/ou sexualmente com outras mulheres. Isso porque

> tomar estigmas e estereótipos como totalidades difere de compreender e subjetivar vivências lésbicas plurais, múltiplas, sem fixação em imagens e modos de existência, especialmente quando esses estigmas e estereótipos são pautados em ideologias tão distantes de igualdade de direitos como cidadãos e como expressões da vida (TOLEDO, 2008, p. 218)

Voltando à discussão sobre minha inserção em campo, em relação aos lugares em que eu poderia encontrar outras mulheres lésbicas, Rita me disse:

> realmente posso estar por fora, mas lugares lésbicos em Goiânia estão bem em falta, não sei mesmo. Acho que você vai ter que tentar o trabalho de formiguinha, de indicações de amigas, no boca-a-boca[5].

Também encontrei via *Facebook* uma garota lésbica (Bárbara) que pratica um esporte coletivo concebido como uma variação do futebol (*Rugby*). Ela foi abordada por uma amiga (Julia) em comum, que explicou meu interesse em saber se no time havia outras garotas lésbicas. Pensei que se houvesse, seria ótimo para mim, já que invariavelmente elas se encontravam para os treinos. Tive como resposta que no time havia sim outras lésbicas, mas que eram "discretas". Ao questionar o significado dessa discrição, ela me disse que ninguém fala sobre sua lesbianidade, vivem no armário mesmo entre elas.

Bárbara evidencia uma questão importante a ser problematizada que se refere ao fato de mulheres lésbicas sentirem a necessidade de serem discretas em relação à sua sexualidade, mesmo quando estão inseridas num grupo composto por outras lésbicas. Isso mostra o quanto a sexualidade fora da heteronormatividade está marcada por silenciamentos e constrangimentos.

Mesmo assim, ela ficou de conversar com algumas jogadoras sobre a possibilidade de eu passar a frequentar os treinos por conta da pesquisa e, alguns dias depois, me respondeu que elas "odiaram a ideia. Enrustidas, machistas".

---

[5] Cabe dizer aqui que num mapeamento de bares lésbicos realizado em 2012, foi possível localizar apenas dois estabelecimentos em funcionamento na cidade de Goiânia: *Bar da Lilian* (no Setor Universitário) e *Bar da Help* (no Setor Bueno) (SILVA & BRAZ, 2012).

Figura 2 – Conversa via *Facebook* com Bárbara

Ainda contei a Bárbara sobre a dificuldade de encontrar um grupo de mulheres lésbicas. Em seguida, ela disse "*uai, só ir num boteco, não?*", seguindo o mesmo estereótipo apontado acima por Rita: a conexão entre botecos/sair para beber, fumar, jogar sinuca e mulheres lésbicas. Eu perguntei a quais botecos ela se referia e Bárbara me falou uma série de bares de Goiânia: *Sinuca do Gellin* (Setor Jardim América), *Assim Assado* (Setor Sul), *Ponto 18* (Setor Central) e *Bar da Tia* (Setor Universitário). Tais indicações não me ajudaram, já que esses bares não são marcados pela presença majoritária de lésbicas, impossibilitando assim a minha identificação de possíveis interlocutoras.

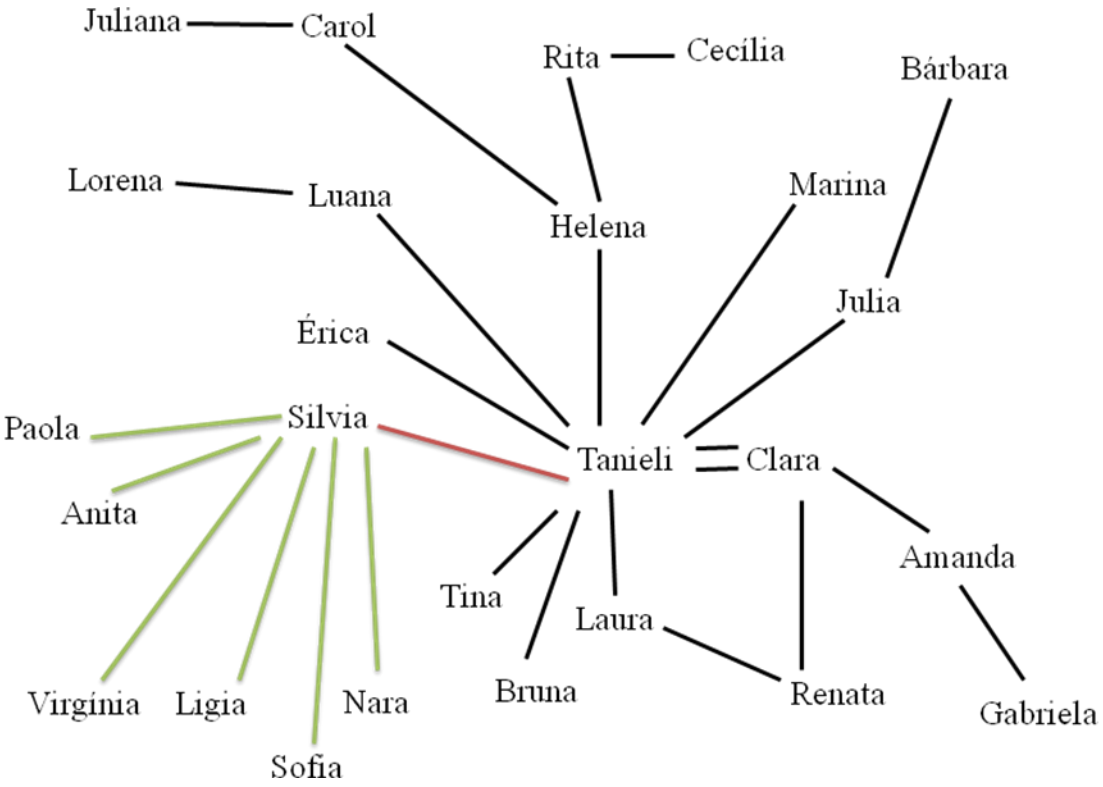
Entrei em contato com várias mulheres e todas elas demonstraram disponibilidade, que nunca foi concretizada. E assim meu campo foi marcado por vários "nãos" no formato de "sim".

É importante destacar aqui meu contato com Lorena, o qual foi mediado por minha ex-supervisora de estágio, Luana. Lorena foi simpática comigo e logo disse que marcaria um jantar na casa dela com alguns amigos para me inserir em seu grupo – o que também não aconteceu. A importância do destaque se refere ao fato de que Lorena colocou em pauta uma questão que perpassou todo meu campo: a presença da minha namorada. Isso porque ela foi a primeira a perguntar se eu tinha "uma parceira". Ao ouvir que sim, estendeu o convite do jantar a ela, justificando que assim eu me "sentiria mais à vontade".

Foi conveniente para mim a presença de Clara, minha namorada, porque confesso que tinha receio das pessoas confundirem minhas intenções de pesquisa com interesse sexual. Aparentemente também foi importante para minhas interlocutoras, já que mais adiante, ela foi chamada outras vezes para o campo em assuntos e convites realizados. Em algumas ela foi, em outras, já não se sentiu tão à vontade em ir, e finalizou não se inserindo concretamente, o que não impossibilitou a sua presença não física nas conversas, perguntas e relatos que ocorreram.

A figura abaixo ilustra a nova rede social – que eu nomino de "Rede Social I formada em campo" – após algumas mediações e consequente inserção de novas mulheres, possibilitando o desenvolvimento da rede social inicial:

Figura 3 - Rede social I formada em campo



Fica claro com essa figura como a metodologia das redes sociais e da técnica do *Snowball* contribuíram para a inserção no campo, tendo em vista que, por meio de algumas mediadoras, foi possível alcançar várias mulheres lésbicas que não estavam inicialmente ao meu alcance. Destaco as mediações que Silvia proporcionou para evidenciar o grupo no qual me inseri.

1.2. A inserção no grupo

"Tanieli, seja bem vinda ao círculo!"

Ironicamente, consegui me inserir num grupo com a mediação da minha primeira movimentação em campo, Silvia. Eu, que já tinha decidido não pressioná-la mais, recebi, sem esperar, uma mensagem sua perguntando como andava meu campo e se eu ainda precisava de ajuda. Ela falou que tinha dado um "sumiço", porque estava saindo pouco e não tinha encontrado as amigas recentemente. Silvia me contou também

que tinha terminado o namoro e que isso fez com que ela se afastasse um pouco da maioria das pessoas daquele grupo. Mas também por conta disso estava disposta a sair mais, inclusive tinha marcado de ir a um bar com Anita e Virginia, o casal de amigas que eu já tinha conhecido, e que, se eu quisesse, poderia acompanhá-la.

O fato de Silvia ter terminado o namoro foi determinante para ela estar disposta a me ajudar com a mediação no meu campo, já que ela não estava querendo ficar em casa, queria ir a bares, boates, encontros na casa de amigas e eu logo me dispus a acompanhá-la. Fui então para esse bar com ela, reencontrei Anita e Virginia; e também conheci outra amiga delas (Nara). Ela conversou sobre a vida dela tão abertamente quanto as outras. Ficamos conversando a noite toda – eu e Silvia mais caladas – e elas sempre me contando histórias, as quais talvez só eu não soubesse.

No final da noite, Silvia queria ir a uma boate e apenas Nara não animou. Então eu, Silvia, Anita e Virginia iniciamos uma maratona de programas no final de semana, envolvendo idas a boates (*El Club* e *Metropolis Pub*), a um bar (*Conversa de Boteco)* e à casa de Virginia. Durante o campo, algumas pessoas fizeram parte de alguns eventos, mas não o tempo todo e de forma mais periférica. Acredito que a maioria nem sabia o motivo da minha presença ali, eu era apenas mais uma delas. Assim o campo foi se desenvolvendo. Muito rapidamente elas falavam bastante e livremente comigo, o que até então não descentralizou Silvia do seu lugar de mediadora. Ainda nesse primeiro final de semana, ela fez um grupo no *WhatsApp* e adicionou nós três. O grupo começou com o nome de ‘agradecimentos’, porque Silvia quis agradecer a nossa disponibilidade de sair com ela. E foi por esse meio que pude confirmar minha inserção em campo. Na noite do domingo, Anita enviou a mensagem: “Gente, foi lindo nosso fds! Adorei nossa programação. Tanieli, seja bem vinda ao círculo!”.

Depois de um tempo, o grupo passou a se chamar ‘dissertação sapiens’, na tentativa de criar uma ideia de ligação da minha dissertação com a palavra sapa/sapatão, e por último, nos tornamos as “Biscasapiens” (Figura 4), com direito a apelidos como Sapatan (Sapatão + Tanieli = Sapatan) ou Biscani (“Biscasapiens” + Tanieli = Biscani) para mim e para as interlocutoras, de acordo com variações de seus nomes. Mesmo não tendo levado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou tido um momento para explicar a minha pesquisa, elas já sabiam e brincavam com isso, falando para eu escrever coisas que elas estavam dizendo no meu trabalho, também pedindo para eu gravar o que estavam dizendo, como, por exemplo, “Veeeeem tanieli, traz seu cel e filma noish pela monografia” (Virginia) e “Tanieli, to um super objeto de estudo hoje”

(Anita). Com o tempo, fui percebendo que pequenos laços foram acontecendo e que seria possível pensar sobre os meus temas de interesse a partir dali.

Já com algum tempo de andamento do campo, uma nova interlocutora – amiga de Anita, Virginia e Silvia – se inseriu nas atividades e no grupo do *WhatsApp*. Paola já tinha sido apresentada a mim anteriormente e passou a fazer parte do grupo, primeiramente sem nem saber ao certo o que eu estava fazendo ali e, depois que soube, demonstrou disponibilidade para contribuir para minha pesquisa no que fosse necessário. Durante aproximadamente três meses fomos a boates (*El Club* e *Metropolis Pub*), bares (*Conversa de Boteco*, *Matuto Bar*, *Lá em Casa*, entre outros), almoçamos juntas, jantamos na casa de Silvia, bebemos na casa de Virginia e conversamos praticamente todos os dias pelo *WhastApp* sobre diversos assuntos como trabalho, relacionamento, sexo, depilação, entre outros.

Grossi (1992), em sua discussão sobre subjetividade e trabalho em campo, acrescenta que há a necessidade de sedução mútua no mesmo, para que só assim o outro seja descoberto, sendo preciso dar para conseguir criar laços. Assim, logo de início percebi que quanto mais eu estivesse solta e falante, melhor o programa fluiria. E dois fatores foram importantes para criar laços: a bebida e a presença física ou não da minha namorada. Ficar bêbada com elas e falar algo sobre minha relação afetiva me tirava de qualquer possibilidade de uma suposta neutralidade ou distanciamento de pesquisadora. E a todo o momento isso foi necessário e muitas vezes acionado pelo campo.

Anita foi a que mais ficou atenta a esse meu lugar de pesquisadora. Sempre que eu perguntava algo, ela lembrava que aquilo eu poderia escrever na minha dissertação, o que felizmente não a impedia de responder e interagir comigo. Ela dizia "é estranho, porque do nada, eu fico pensando que você está aqui analisando a gente, mas eu sei que é seu trabalho". Também me perguntou como eu usaria os dados, e eu tentava explicar que eu estava construindo o campo a partir da vivência com elas e que, a princípio, eu não tinha algo pré-estabelecido. Já nos últimos encontros, depois de ter feito a entrevista, Anita e Virginia me perguntaram se a partir daquele momento eu poderia falar de mim. De alguma forma, havia certo incômodo que evidenciava o meu lugar de pesquisadora e que, por mais que eu parecesse ser uma delas, tinha algo que nos colocava em lugares diferentes, que insistia em me manter "vestida de antropóloga" (BRAZ, 2009), o que só acabaria com o fim da minha pesquisa.

Perceber-me sendo chamada pelo campo fez com que ficasse evidente o caráter participativo da experiência etnográfica. Da Matta (1978) pontua, em seu texto *O ofício*

de etnólogo, ou como ter um Anthropological Blues, que um dado sistemático do trabalho de campo é a presença do sentimento e da emoção, os quais aparecem nas mais variadas situações. E que assim "para descobrir é preciso relacionar-se" (p. 9).

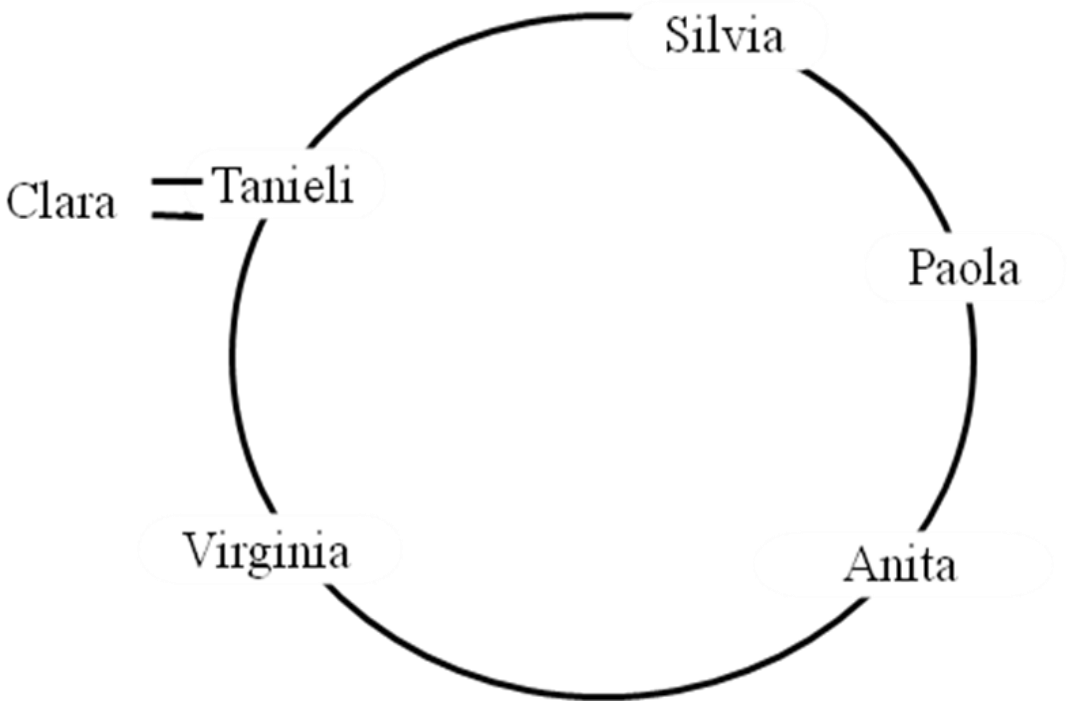
Construir reflexões a partir da vivência com minhas interlocutoras implicou necessariamente no compartilhamento de mim mesma. Anita foi a responsável pela marcante pergunta "você sai com a gente só por causa da pesquisa ou você se afeta?", à qual eu respondi: "claro que me afeto!", me lembrando do texto *Ser Afetado* de Favret-Saada (2005). A autora traz uma discussão sobre a antropóloga se afetar e, assim, o campo se ampliar para possibilidades desconhecidas. Goldman (2005), refletindo sobre essa autora, logo diz que ela constrói a ideia "não de afeto no sentido da emoção que escapa da razão, mas de afeto no sentido do resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação" (p. 150). É o que gera uma comunicação verbal ou não desprovida de intencionalidade, que não seria despertada a partir de uma observação ou de uma interação distanciada. Ela alerta que isso coloca em risco o projeto de conhecimento, mas ao mesmo tempo, se esse risco não estiver presente, nada acontece, concluindo que

> minha experiência de campo - porque ela deu lugar à comunicação não verbal, não intencional e involuntária, ao surgimento e ao livre jogo de afetos desprovidos de representação - levou-me a explorar mil aspectos de uma opacidade essencial do sujeito frente a si mesmo (FAVRET-SAADA, 2005, p.161).

Iniciar o campo com algumas questões na tentativa de encontrar respostas claras para a reflexão sobre envelhecimento e lesbianidade não foi o caminho que gerou conhecimento. Com o tempo, aceitar me afetar fez com que, no final, eu percebesse que o que estava mais evidente eram histórias sobre o passado de minhas interlocutoras, que dizia de trajetórias marcadas por violências e "manobras". Assim, tais histórias não estavam dadas, houve um processo de construção das mesmas – levando em conta o que Bourdieu (2006) teoriza acerca da impossibilidade de estabilidade e permanência do conteúdo em questão – o qual só foi possível a partir da minha inserção em campo.

Segue abaixo a figura que ilustra a minha inserção no grupo, com a presença de Clara de forma periférica e mediada por mim.

Figura 4 – Rede social II formada em campo – As "Biscasapiens"



É importante destacar que foi apenas nesse grupo social que me inseri e que essa pesquisa teve, além dessas interlocutoras, mais seis mulheres lésbicas: o casal Rita e Cecília, Tina, Gabriela, Laura e Bruna.

1.3. O grupo – As "Biscasapiens"

Logo no início, antes da minha inserção, Silvia me contou que quando falou dos meus interesses de pesquisa, o único pré-requisito colocado por uma delas foi o fato de eu também ser lésbica. Se eu não fosse, ela não toparia, porque não teria paciência para explicar como funciona tudo num relacionamento entre duas mulheres. De início, já foi possível refletir sobre quem quer construir um conhecimento acerca do outro. É fato que não é preciso ser lésbica para dizer de lésbicas, mas também é inegável que muitas vezes, como aqui, esse fator contribui para a efetivação do campo.

Braz & Parreira (2008) apontam, a partir de suas pesquisas[6], a presença dos marcadores sociais de diferença, produzindo e materializando não só os sujeitos que

[6] A pesquisa de Carolina Parreira tinha como objetivo refletir sobre interações a partir do e no ciberespaço tendo como ponto de partida relacionamentos entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com

estudamos, mas também os pesquisadores em campo. Sendo assim, Carolina Parreira teve dificuldades ao querer fazer parte de uma comunidade virtual de homens, pois alguns membros acharam que o fato de ela não estar familiarizada com assuntos de homens faria com que suas interferências nas discussões não fossem bem vindas; e ainda pelo risco de ela exotizar os comportamentos do "universo masculino". Já Camilo Braz conseguiu ter acesso facilitado por dialogar com homens gays e se assumir como gay também. Eles perceberam que "havia certos marcadores operando no sentido de materializar quem era o pesquisador, de que posição de sujeito ele estava falando, se ele era 'legítimo' ou não para perguntar sobre assuntos íntimos" (BRAZ & PARREIRA, 2008, p. 5).

Foram aproximadamente três meses de convivência com esse grupo (de meados de março de 2014 até junho de 2014), formado por um casal e outras duas mulheres que já tinham se relacionado afetivo-sexualmente há um tempo. Duas se reconhecem como lésbicas e outras duas (o casal) como bissexuais em uma relação lésbica.

Vivenciar esse tempo com tais mulheres me fez refletir sobre diversas questões ligadas à vivência e à percepção da lesbianidade já em conexão com a ideia da necessidade de se defender de uma realidade que não legitima e penaliza o desejo afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo. Isso é exemplificado com a "saída do armário[7]":

> Eu não saí do armário, depende de que armário, de qual porta que eu saí, eu não saí totalmente, minha família sabe, mas eu não falei pra eles diretamente. (...) Eu, na verdade, até hoje não cheguei a falar nada pra minha família só pra não ter aquele desconforto, sabe, porque a gente sempre passa, mas eu não sei, eu tenho medo da minha vó não levar numa boa, porque ela já é de idade e eu não sei se precisaria passar por isso (...) (no trabalho) eu acho que teria problemas, eu não sei, acho que encarar isso hoje ainda é difícil. (...) o grande impacto que causa na minha vida é eu ter que viver uma vida dupla, porque tudo acontece na minha vida e minha família não está sabendo, meus colegas de trabalho não sabem realmente como é a minha vida, tem uma parte que é totalmente oculta, esse é o grande impacto, porque é tipo isso, **você tem que ficar manobrando as coisas. E sempre foi assim**. (Paola, 26 anos)
>
> (Sair do armário) pra minha vida, de dentro pra fora, eu acho que a sensação é de alívio, porque eu não preciso mentir, não tenho que ficar inventando nada, ou fingir nada (...) (na minha família) É velado, a gente não fala muito sobre isso (...) em relação à homossexualidade, eu imagino que minha mãe seja muito liberal quando é com os outros (...) eu sinto que ela tem uma

---

outros homens. Já a pesquisa de Camilo Braz visou refletir sobre clubes de sexos para homens e também investigar como vários marcadores de diferença operam na constituição de sujeitos (BRAZ & PARREIRA, 2008).

[7] Ver glossário.

> esperança, talvez por eu ser filha única, talvez se ela tivesse dois filhos e o outro fosse hétero talvez não tivesse tanto problema. (Anita, 25 anos)

As falas mostram que o "armário" ainda é característica fundamental na vida social de muitas pessoas. Sedgwick (2002) reflete sobre a epistemologia do armário, do assumir-se enquanto não-heterossexual, afirmando que, a todo o momento, há um movimento de saída e entrada no armário, seja com um novo chefe, gerente de banco, médico, ou qualquer situação nova que exige novos levantamentos, cálculos, esquemas e demandas de sigilo ou exposição.

Como eu estava investigando sobre o envelhecimento, constatei que o campo me conduziu a explorar experiências de jovens adultas lésbicas que se percebem como mulheres na fase de trabalhar, de construir, de investir na vida em nome de um futuro desconhecido e distante. O tempo que já passou é visto como responsável por experiência e maturidade, já a projeção do envelhecimento é quase invisível para minhas interlocutoras. Sendo assim, pensar em envelhecimento é pensar no passado, no tempo vivido, tendo o presente como o grande resultado deste.

Ao final, pude perceber que envelhecer é ter consciência de um tempo vivido, de lembranças e assim ter histórias para contar. O envelhecimento fez com que elas chegassem à vida adulta e tomassem conhecimento de uma série de coisas que na adolescência não vislumbravam, tais como a percepção e a reflexão sobre um tempo vivido enquanto mulheres que se percebem/descobrem lésbicas e sobre os enfrentamentos existentes na vivência dessa sexualidade. Não havia como ignorar as histórias de vida de minhas interlocutoras e perceber que, hoje, talvez até o fato de poderem depositar tanta energia no trabalho, na busca pela estabilidade, também diz respeito ao fato de terem vivenciado vários momentos conturbados há alguns anos. Virginia confirma essa ideia quando me diz que com o tempo, as mulheres lésbicas possuem mais serenidade, devido ao fato de já terem passado por "tanta coisa no passado".

Silva (1998) argumenta que o presente é o ponto de inserção no qual a pessoa olha o passado, repleto de situações que envolvem valores, preconceitos e emoções, e reconstrói sua identidade. Assim, é a memória que "fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos" (VELHO, 1994, p. 101). Hoje, algumas delas encontram um início de estabilidade financeira e emocional que as permite ter calma, planejar a vida sem a necessidade de colocar a sexualidade na frente, o que no passado

não era possível, já que vários conflitos estavam presentes. Nesse grupo, pude ouvir algumas histórias marcantes sobre o passado delas, marcas que as fizeram envelhecer e chegar até o momento presente em uma fase “mais calma”, visualizando um futuro enquanto mulheres lésbicas diferente do que era possível anteriormente.

1.4. Mudando o foco

O momento de percepção de que a temática central configurada no projeto inicial tinha mudado aconteceu durante a escrita do texto para qualificação. Após a apresentação do mesmo e da confirmação pela banca de que minha questão central tinha sido alterada, pude voltar ao campo com o olhar não mais fixo nesse grupo inicial (Figura 4 – página 34) nem na problemática do envelhecimento. Assim, dialoguei com as interlocutoras que tinham se mostrado disponíveis no início do campo: Laura, Tina, Gabriela, Bruna e com o casal Rita e Cecília. A intenção foi de ouvir suas histórias, investigar como elas se percebiam no presente em relação à sexualidade, como foi o processo de tomar consciência do desejo em relação a outra mulher e os impactos disso em suas vidas, levando em conta família, trabalho, amigos e quaisquer outras redes sociais em que estavam inseridas. A conversa era aberta e tinha como pontapé inicial a minha pergunta “qual é a sua orientação sexual?” e isso foi suficiente para gerar respostas longas complexas que evidenciaram várias vivências dessas mulheres enquanto desejantes de outras mulheres.

Acho importante dizer, ainda nessa discussão em relação ao campo, que ouvir minhas interlocutoras não foi tarefa fácil. E isso foi ficando claro para mim à medida que percebi que um cansaço mental e físico se repetia após os meus encontros com elas. Acredito que não era só um cansaço por ter que estar atenta – porque, afinal de contas, eu estava ali enquanto antropóloga, pesquisadora e, assim, não podia perder dados importantes para minha pesquisa – mas um esgotamento por ouvir horas de histórias carregadas de violências, por me identificar com várias vivências de muitas delas e saber que isso faz parte da história da maioria das mulheres lésbicas da nossa sociedade e, por fim, por me lembrar como as relações de poder estão posicionadas fortemente contra quem rompe com o dominante.

* * *

Esse capítulo teve a finalidade de discutir as dificuldades e facilidades de inserção em campo e o desenvolvimento do contato com as interlocutoras. Também foi possível refletir sobre as implicações subjetivas da antropóloga e como isso direciona o campo. Ademais, coloquei em pauta a importância dos métodos das redes sociais (*Social Network*) e do *SnowBall* para a construção das redes de interlocução. Viu-se ainda que o Termo de Consentimento (TCLE) não assegura definitivamente o que acontece em campo, já que o mesmo exige constantes negociações em sua construção. Aqui, o contato com a realidade empírica fez com que a investigação acerca da minha questão inicial (o envelhecimento) ficasse num plano secundário, enquanto o foco passou a ser violências e "manobras" que fazem parte de trajetórias de mulheres lésbicas em Goiânia.

2. LESBIANIDADES E DINÂMICAS FAMILIARES

Este capítulo tem como eixo principal a reflexão acerca de trajetórias de mulheres lésbicas em relação às dinâmicas familiares nas quais estão inseridas. Levando em conta que as narrativas construídas evidenciam elementos importantes que perpassam as lesbianidades[8] e estão presentes não exclusivamente em conexão direta com o contexto familiar, é importante dizer que problematizar os mesmos não é o meu foco aqui.

Segundo Fonseca (2005), o caminho para se pensar sobre família deve assumir a complexidade da trajetória que a mesma possui e colocar em pauta a reflexão acerca do seu significado, que varia de acordo com o contexto social. Na tentativa de não negar o vasto leque de possibilidades, a autora indica a preferência por utilizar os termos "dinâmicas" e "relações familiares", fugindo da concepção de modelo ou unidade familiar.

Assim, a reflexão acerca da família deve levar em conta o fato de esta ser uma construção social e histórica que está perpassada por marcas de gênero, geração, sexualidade, raça e classe, podendo assim produzir mais ou menos desigualdades. Além desses fatores, as dinâmicas familiares passam então a ser não só fonte de cuidado e apoio, mas também de conflito e abuso (FONSECA, 2007).

Confirmando essa linha de pensamento, Petrini (2003) afirma que é ao redor da realidade familiar – com a estruturação e a decomposição de diferentes modelos, em consequência de circunstâncias históricas e sociais, culturais e ideológicas – que alguns modelos prevalecem com a cooperação, a reciprocidade, a negociação, e outros, com a disputa, a competição, a indiferença, a estranheza.

Vê-se que várias pessoas, a todo o momento, rompem com os modelos normatizados e tentam criar novos de forma plural, heterogênea, criativa e subversiva, mas ainda

> é preciso revisar a ideia hegemônica de família e de papeis familiares, dado que o estigma atribuído aos sujeitos que vivem configurações e papéis alternativos aos normativos é opressivo, fonte de sofrimento psíquico (NARVAZ & KOLLER, 2006, p. 53).

[8] É claro que muitas discussões aqui suscitadas não se restringem às lésbicas, podendo dizer de gays, transexuais e travestis, porém apenas aquelas são foco dessa pesquisa.

Neste ponto, é possível discutir sobre a homofobia familiar e os seus impactos para a vida dos sujeitos que a sofrem. Schulman (2010) diz que quando a família toma ações de exclusão e inferiorização, o indivíduo fica sem saída. Isso faz com que os homossexuais tenham que se proteger através da vinculação em "subculturas e/ou relacionamentos", o que não garante segurança. Hammes (2013) pontua que pouco tem se falado sobre isso. Há uma grande atenção acerca de famílias homoparentais, adoção por casais lésbicos e gays, conjugalidade, mas não há "visibilidade acerca das trajetórias, dilemas e mediações que envolvem a vida de um jovem gay no seio de uma família heterossexual conservadora, mantenedora e perpetuadora de preconceitos" (HAMMES, 2013, p. 182).

Partindo, então, do entendimento segundo o qual há uma construção social acerca da família, ao mesmo tempo em que cada núcleo familiar possui uma trajetória singular, as histórias de Rita e Cecília, Tina e Silvia são apresentadas a seguir.

2.1. Rita e Cecília

"Era uma tortura psicológica cotidiana."

> Na minha casa, ninguém nunca me aceitou, nunca tivemos uma conversa que me desse a liberdade de falar "eu sou isso e ponto", porque sempre foi um tabu tão grande que era aquele mal estar, todo mundo sabia, mas não podia falar, o que para mim é pior. Minha família sempre foi muito tradicional, minha mãe é muito evangélica, meu pai não é religioso, mas também tem uma cabeça super ultra mega conservadora e machista. Minha relação com meu pai sempre foi ruim, sem diálogo.
>
> Namorei uma garota uma vez. Como ela ia à minha casa, meu pai começou a desconfiar que não éramos só

amigas. Então, quando eu conheci a Cecília, ele já tinha essa atenção. Ela foi algumas vezes à minha casa quando ele estava fora, mas sempre escondida. A gente vigiava a janela e, quando ouvia o barulho do carro chegando, ela saía correndo, descendo as escadas enquanto ele subia pelo elevador. Era sempre essa vida assim, fugindo de tudo, inventando histórias, mentindo. Eu tinha duas vidas.

Um dia falei pro meu pai que estava saindo para estudar. Isso porque eu estava no 3º ano do Ensino Médio e ia reprovar em algumas matérias. Cecília tinha carro e me buscava sempre dois quarteirões acima ou um abaixo da minha casa, e dessa vez meu pai me seguiu e me viu entrando no carro dela. Achou aquilo tudo muito estranho e, já que eu estava entrando num carro longe de casa, eu devia estar mentindo. Aí, mais tarde, liguei chorando pedindo para Cecília ir à minha casa para ele acreditar que a gente ia estudar. E foi assim que ela conheceu meu pai. Foi muito tenso. Primeiro, porque ele achava que quem tem *piercing* e tatuagem é mala e maconheiro e ela tinha tudo isso: *piercing* no queixo e na língua, e tatuagem na perna. Segundo, porque ele fez um interrogatório com ela. Como Cecília não aceita desaforo, respondeu tudo tranquilamente e disse que se ele quisesse falar com os pais dela, ela o levaria à sua casa, pois não tinha nada para esconder deles. Ele não tinha argumentos, só sabia gritar “minha filha é de menor! Eu vou te processar, você tem mais de dezoito anos!”. Meu pai achava que ela era uma aliciadora de menores, porque sempre o filho ou a filha é uma vítima e a outra pessoa que os leva pro

mau caminho. Mal sabia ele que Cecília nunca tinha namorado uma menina antes, e eu sim.

Depois desse dia, meu pai odiou Cecília mais ainda e achou um absurdo ela ir à casa dele e o enfrentar. Logo ele declarou guerra, falava que ia conversar com os pais dela, que a processaria e que, se não adiantasse, ele a mataria. E isso não foi a pior coisa que aconteceu, era tudo muito tenso. Ficamos esse tempo todo escondidas e a sorte é que a família de Cecília é muito tranquila, com certeza isso foi o que sustentou o namoro.

Antes de começar a namorar comigo, Cecília já tinha ficado com uma menina, e resolveu que contaria para a família apenas se começasse a gostar de alguém. Então quando me conheceu, falou para a mãe e foi tudo tranquilo. Depois uma prima contou para ela que no mesmo dia a mãe contou para o pai e ele só falou “se é o que ela quer, se está feliz, estou feliz”.

Eu ia para a casa dela escondido. Acho que em três anos de namoro, a gente dormiu juntas duas vezes. Nossos encontros eram sempre à tarde, saímos juntas à noite com amigos umas quatro vezes, no máximo. Porque meu pai não era de me prender dentro de casa; ele era detetive, pegava o carro e ia atrás, me seguia. Ele ouvia que eu combinava de sair com alguém pelo telefone e já pegava a bicicleta ou o carro para me seguir. Às vezes, a gente combinava de se encontrar depois da academia e ele estava lá atrás do poste vigiando e, quando eu menos esperava, ele passava do lado do carro em que estávamos. Era muito tenso, não tinha vida.

Basicamente, chegou um ponto em que ele ameaçava que se a gente não se afastasse, ele ia falar com os pais dela, processar, matar, todo tipo de ameaça possível, e daí ficou insustentável. Eu tinha tanto medo do terrorismo que ele fazia que a gente decidiu se encontrar só quando meu pai estava fora da cidade, quando não tinha perigo, e isso não acontecia com muita frequência. Era uma tortura psicológica cotidiana.

Era tudo muito difícil, a gente não tinha celular naquela época e eu tinha muito medo do meu pai fazer alguma coisa. Foram três anos seguidos sem ele parar. Cecília estava quase entrando na faculdade e eu no Ensino Médio quase reprovando, com a cabeça a mil. Não sei como não me suicidei.

As coisas começaram a melhorar quando entrei na faculdade, porque eu falava que estava indo para a aula e, muitas vezes, ia ficar com ela. Era o álibi, porque era longe e difícil de ele ir lá, me seguir, me procurar. Fiz um semestre na UFG e resolvi desistir e mudar para outro curso na PUC. E melhorou ainda mais, porque Cecília estudava no mesmo campus do meu novo curso. Ficamos um semestre nos vendo todos os dias, mas a alegria durou pouco, porque era o meu primeiro semestre de graduação e o último dela, então logo isso acabou.

Meu pai pagou para eu tirar minha carteira de motorista, mas não me deixava pegar o carro, dizia que era só para eu dirigir para minha mãe e meu irmão. Depois de muito tempo de discussão e enfrentamento, consegui pegar o carro que ficava sempre parado na garagem para ir à faculdade. O carro foi o segundo ponto que me permitiu ter mais

liberdade. Foi tudo muito lento, aos poucos. Nessa época, Cecília fazia mestrado e tinha mais tempo livre, então todo espaço que tinha, a gente dava um jeito de se encontrar. Já tínhamos uns 5 anos de relacionamento e relaxamos um pouco, acreditando que estava tudo bem, até que um dia, meu pai teve uma recaída: estávamos saindo da academia, que era longe da minha casa, e ele estava lá atrás da árvore. Não sabíamos o que fazer, Cecília entrou novamente na academia e eu saí, fingimos que não vimos meu pai e a sorte é que ele não veio falar com a gente. Em casa, questionei o fato de ele estar lá, mas ele não assumiu, disse que eu estava enganada.

E minha mãe no meio disso tudo? Ela era um zero à esquerda, não tomava partido, não ficava do meu lado nem do dele, o mundo estava explodindo e ela estava assistindo a tudo de camarote. Isso me irritava demais, eu não entendia essa neutralidade dela, essa falta de ação. Eu até preferiria que ela apoiasse meu pai, porque aí faria sentido.

A briga era rotina na nossa relação, eu nem olhava na cara dele mais. Nesse momento, o que ajudou (e piorou ao mesmo tempo) foi o fato de meu pai começar a supervisionar meu irmão mais novo, que depois de uns anos, se assumiu gay. Com isso, acabamos tendo uma folga. Quando eu saía para viajar com Cecília, ele me perguntava com quem eu estava indo e eu só respondia “não te interessa!”. Ele perdeu as rédeas do negócio, não dava conta mais, eu comecei a viajar e só faltava dizer que se quisesse saber com quem, era para ele correr atrás e descobrir.

A primeira vez que a gente viajou por mais tempo foi quando eu e meu irmão fomos para o Sul e Cecília foi com a gente sem meu pai saber. Ela teve que chegar mais cedo no aeroporto, se esconder no banheiro, e depois, na volta, eu tive que pegar minha mala e ela ficar esperando escondida até eu ir embora. E isso virou rotina, toda viagem fazíamos assim. Aos poucos, a gente foi chutando o balde e ele percebendo que não daria conta da situação.

Uma pessoa essencial nesse momento foi meu irmão. Primeiro, porque ele se mudou para outra cidade e a gente ia para lá em todas as férias de final de ano e meu pai acreditava que eu estava sozinha. Depois, porque ele saiu de casa dizendo que a situação lá estava insuportável, ficou um ano sem olhar na cara do meu pai e, com o tempo, acho que isso o fez repensar e tentar melhorar a relação com a gente. O problema é que meu pai foi melhorando e minha mãe piorando. Ela sempre teve muita proximidade com a religião, mas começou a ficar xiita, louca, surtada. Passava uma coisa de parada gay na TV e ela olhava para mim e dizia “esse povo é tudo do capeta”, “Deus não gosta e vão todos pro inferno”, aí nossa relação começou a ficar insuportável.

Minha mãe acabou mergulhando na religião na mesma época em que meu pai teve que viajar mais para cuidar do empreendimento dele numa cidade do interior e eu que tive que ficar mais tempo com ela. Era insuportável, eu já falava pro meu pai que eu não aguentaria muito e que eu queria sair de casa. Também conversava com Cecília sobre isso, porque o pai dela tem um apartamento e já que a família dela sempre foi tranquila com a gente, uma alternativa era mudar para

lá. Era fato que estava insustentável. Foram meus dois últimos anos de faculdade, até que meu pai percebeu que realmente estava muito difícil ficar perto da minha mãe e me disponibilizou um apartamento dele.

E isso me surpreende até hoje. Meu pai nunca me apoiou, me fez passar por tudo isso, e de repente estava me dizendo que eu tinha razão, que eu tinha direito a ter meu espaço e que me apoiaria. Eu não acreditei, achei que ia ter que matar um leão, mas foi muito mais fácil do que eu imaginava. Acho que isso aconteceu mais uma vez por causa do meu irmão. Ele sempre foi muito inteligente, enquanto eu era vista como a burra, a renegada, a que não ia dar em nada profissionalmente. Ele se mudou justamente para estudar numa universidade estadual e, do nada, resolveu abandonar o curso para entrar na escola de circo. Na verdade, ele chegou com quatro bombas, uma atrás da outra: primeiro, ele saiu do apartamento que meu pai pagava para ele e foi morar na favela, porque queria se sustentar sozinho e não depender dele mais; depois, abandonou o curso de graduação; em seguida, veio passar férias aqui e falou abertamente para meu pai e para minha mãe que é gay; e por último, meu pai descobriu que ele fuma maconha. Isso tudo fez com que minha mãe ficasse muito mal, chorou vários dias seguidos e meu pai começou a repensar tudo. Comparar um filho veado palhaço maconheiro com uma filha que parecia ser sapatão, mas era discreta, que se formou e já estava no mestrado, aí tudo bem! Botou na balança e eu fiquei muito confortável.

Meu pai foi mudando a postura dele, me disponibilizou o apartamento, veio arrumar várias

coisas para mim, mas é difícil, porque tem todo o desgaste desde quando nasci. Cecília aguentou muito o peso também, mas é diferente para mim. Essa melhora dele foi muito rápida, é como se ele tivesse repensado tudo que ele fez em dez anos num mês. Cecília sempre insistiu para eu me reconciliar com ele. Ela diz que acha que tudo isso foi por proteção e não por maldade, mas eu acho que ela não entende, porque nunca passou por isso com a família dela. É difícil, de repente ele mudou, mas eu vivi todos esses anos péssimos, não vou esquecer isso e simplesmente apagar, eu ainda tenho muita mágoa, muito rancor. Vou morrer lembrando disso.

Acho que foi essencial essa postura do meu irmão de chegar e enfrentar, botar tudo na cara, quebrar esse tabu de dez anos e dizer que agora é assim, que não tem condição, que não ia suplicar. Porque, no fundo, a gente tinha que suplicar o amor. Meu irmão não ligava, não falava e não se importava. Ele não vinha a Goiânia e também não queria meu pai por perto. E eu já não queria mais olhar na cara do meu pai, já tinha tomado ódio. Acho que uma tia que o alertou que ele ia perder os filhos, e aí ele começou a repensar e correr atrás do prejuízo.

Bom, tudo estava um pouco melhor, já tínhamos quase dez anos de relacionamento e meu pai ainda não tinha reencontrado Cecília. Ela ficava aqui no meu apartamento comigo, mas sempre que ele vinha me visitar, ela ia para o café do outro lado da rua. E esse era um dos motivos para ela não vir de vez. Ela dizia: “Rita, eu não vou morar com você, porque não vou sair da minha casa no dia em que seu pai entrar”, e aí foi outra tensão. Ele via as transformações no

apartamento: Cecília pintava uma parede, trazia uma mesa, pratos novos, e ele sabia que eu não tinha dinheiro para comprar aquilo. E quando ele me perguntava sobre essas coisas, eu desconversava, até porque eu tinha tanto medo de abrir o jogo e tudo voltar a ser como antes, que era mais fácil dizer para ele não ficar perguntando. Até que um dia ele falou que estava vindo aqui e eu falei para Cecília ficar. Ela ficou no escritório de costas para a porta, sentada em frente o computador. Ela nem olhou para trás, mas quando ele viu que tinha alguém aqui, ficou apavorado, quis ir embora, não deu tempo nem de apresentar os dois. Parece algo psicológico tão forte, que o traumatizou tanto, que ele nunca mais voltou aqui. Sempre que convido, ele inventa uma desculpa e não vem.

Há mais ou menos um ano, tive que fazer uma cirurgia e Cecília ficou um mês cuidando de mim e acabou ficando de vez, com a desculpa de que era mais perto do trabalho dela. Bom, as coisas realmente foram melhorando. Meu pai comprou uma roça no interior e sempre me convidava para ir, até que um dia, em janeiro desse ano (2014), eu também surtei e falei que só iria se eu pudesse levar quem eu quisesse. E isso não foi suficiente: falei que tinha que ter um colchão de casal. Ele ficou mudo, gaguejou, mas topou. Eu vi que caiu o chão dele, mas eu já estava cansada, precisava fazer aquilo. Cecília aceitou ir, mas estava tensa, e falou “Rita, é o seguinte, eu vou, mas se eu quiser ir embora, a gente vai embora, ok? Se você quiser ficar lá, eu vou embora sozinha!”. Era um tabu que, depois de dez anos, estava sendo quebrado. Claro que as coisas não

foram simples, mas foi melhor do que o esperado, tanto é que fomos para passar quatro dias e ficamos sete.

Acho que, de início, ele não reconheceu Cecília, havia oito anos que ele tinha a visto. Ele sabia que aquela era a pessoa, mas não aquela pessoa que o enfrentou na casa dele. Ele deve ter pensando “Dez anos? Impossível!”. Ele foi reconhecendo aos poucos e Cecília foi de calça para esconder a tatuagem, porque era a lembrança dele. Só que isso não durou a viagem inteira e depois que ele viu, foi uma cena bizarra. Acho que os dez anos passaram na cabeça dele; ele paralisou, ficou introspectivo uns dois dias, saía para cortar eucalipto e demorava para voltar, até que foi voltando ao normal. Ela se esforçava para construir uma relação tranquila com ele, puxava assuntos que sabia que eram do interesse dele e que coincidentemente também eram do dela, como pescaria, carro e plantas. Ela interagia mais com ele do que eu. Falar o nome dela também foi outro tabu. Depois dessa viagem, saímos juntos mais umas três vezes para ele passar a dizer o nome dela. No início ele falava alto comigo e a incluía de forma subentendida, depois a chamava de “moça” ou “ou” para enfim muito recentemente falar o nome “Cecília”. A gente achou incrível!

E acho que até hoje ele fica desconstruindo tudo o que pensava sobre Cecília. Deve pensar que, se mesmo ele fazendo tudo o que fez, a relação ainda existe há dez anos, alguma coisa de bom pode sair daí. E ele vê nossa relação, vê que muitas vezes a Cecília me dá bronca, fala para eu ser menos impulsiva e acho que ele acha bom. Agora ele fica

dando ideias de viagens e já olhando para Cecília, porque sabe que se ela for, eu vou. Meu irmão até chegou aqui em casa nos contando que meu pai ligou para ele e disse que viajou comigo e com a Cecília e que foi ótimo. Mas, para falar a verdade, eu paro para pensar e acho uma piração total. Como alguém pode ser escroto durante dez anos e, da noite pro dia, vir com “te amo, minha filha”? Mas pisar aqui em casa, ele não pisa. Até porque ver essa rotina nossa, a cama de casal, deve fazer ele imaginar um monte de coisa. E acho que o problema é o simbólico do que essa casa toda pode representar, não é a Cecília.

Minha mãe hoje em dia vive aqui em Goiânia sozinha, meu pai que cuida dela, mas quase que por caridade. Ela sempre teve autoestima baixa e, quando se aposentou, ficou depressiva, se refugiando na igreja. Está quase trabalhando e se mudando para lá. O problema é que ela não assume que precisa das pessoas e não respeita o espaço de ninguém, fica essa pessoa mal-amada, e está tão insuportável que faz as pessoas se afastarem dela, está “inconvivível”. Ela não tem vínculo familiar, sobrou meu pai. Fiquei uns quatro anos aguentando sozinha e hoje eu falo “pai, desculpa, mas a bomba é sua, você que escolheu casar”. E falo sem nenhum peso, sou egoísta mesmo, porque minha vida inteira eu me ferrei por conta de problema dela, do meu irmão. Carregava as bombas da família inteira e ainda minha bomba, minha vida pessoal que era a bomba, era muito peso para mim, era muito transtorno, pressão, tortura psicológica, não sou obrigada mais e sou escrota mesmo.

Por conta de tudo disso, estranhei a família da Cecília. Eles são muito sociáveis, tem

confraternizações com a família inteira e eu sempre tive preguiça disso. Eu odiava família, porque era a imagem que eu tinha, lá em casa sempre foi tenso. Mas a mãe dela sempre fez minhas vontades, não tenho o que reclamar. O pai dela e o tio ajudaram também a arrumar algumas coisas aqui no apartamento, mesmo antes de morarmos juntas. Lá ninguém fala a palavra namorada, mas me tratam assim e a mãe dela me inclui nas noras, acho que só a palavra mesmo que não sai. Cecília acha que é porque ela também não fala, então as pessoas só seguem como ela faz e lidam com tudo de forma tranquila.

Eu acho que o agir é o que importa. Eu nunca fiquei de prestar conta para minha família de com quem eu saio, com que eu namoro, com quem eu fico ou deixo de ficar, desde quando eu namorava com menino. Independentemente de eu ser hétero ou sapa, nunca tive essa necessidade de dizer, e também nunca tive uma relação aberta com minha família. Porque tem famílias que têm o ritual de apresentar e eu acho que esse ritual é muito chato, essa cobrança de ter que apresentar, ter que dar satisfação para aquela tia que não vejo há anos. “Ah, que saco, vai cuidar da sua vida!”.

Mas é isso, a gente tinha medo de morar juntas, porque depois de tudo o que passamos, a gente não queria que desse errado. E vários amigos diziam para não morarmos juntas, que isso acabaria com o relacionamento, mas foi tranquilo. Cecília veio aos poucos, deixou uma mala de roupa, depois vinha aos finais de semana, até que ficou de vez. Nossa vida começou a ser decente depois que eu me mudei para cá, mas passamos a ter vida mesmo há uns seis meses.

2.2. Tina

> "Ela caía no chão, falava que me odiava, que preferia me ver morta, que ia me matar e fazer um funeral de pompa para mim (...)"

Eu não consigo me lembrar se eu já tive interesse por homens. Não tenho lembrança disso, sei que tive um primeiro amor de 8 anos que a gente acha que apaixona, que é o amor da vida, quer casar, chora, mas não sabe nem o que é amor direito, e essa é a única lembrança que eu tenho relacionada a homem. Uma das minhas primeiras lembranças é de quando eu tinha 12 anos e me apaixonei por uma menina do meu colégio, Vanessa. Lá, a gente ia ao auditório para cantar o hino nacional e rezar, e quando eu a vi, ela estava de cabelo molhado e balançou a cabeça de um jeito que eu me apaixonei no mesmo instante.

Estudávamos na mesma série, mas em salas diferentes, e mesmo sem ter noção do que eu estava sentindo, dei um jeito de mudar de sala. Nessa época, eu achava tudo aquilo estranho, e só dois anos depois eu comecei a amadurecer mais e perceber que eu era totalmente ligada a ela. Fazia de tudo para estar perto dela, comecei até a jogar vôlei só porque ela jogava, e depois acabei me tornando uma grande jogadora para jogar no time dela.

Eu também me lembro de ter contado para minha melhor amiga que estava acontecendo alguma coisa e

ela concluiu que eu queria dizer que estava gostando da Vanessa. A reação dela foi começar a correr ao redor do colégio sem parar, parecia realmente que ela tinha usado alguma droga, porque ela não queria acreditar, ficou muito baqueada, e também fez orações e novenas para todos os santos. Mas, no final das contas, eu a convenci a mudar de escola junto comigo para irmos para a mesma que Vanessa iria. E assim foi: eu me tornei muito próxima dela, inventava que a gente tinha que estudar à tarde, aí ela ia para minha casa, ou eu ia para casa dela e lá a gente tomava leite com *toddy* e passatempo. Até hoje quando eu faço isso, me lembro dela! Eu a achava a menina mais linda e estava extremamente apaixonada por ela, até que fiquei sabendo que ela ia morar um tempo fora do Brasil, o que me encorajou a mandar um e-mail contando tudo o que eu sentia. Vanessa me respondeu de uma forma bem sutil que não tinha nada a ver e foi embora.

Depois disso, comecei a entrar em *chats* e logo marquei de encontrar uma menina. Eu dei sorte, ela era linda, loira, tinha um corpão! Ela foi à minha casa, a gente ficou conversando na minha cama e foi ali meu primeiro beijo. Lembro da sensação: era como se eu estivesse beijando uma nuvem! Foi a coisa mais esplendorosa que já me aconteceu até hoje. É incrível, porque eu me apaixonei pela 1ª vez por uma menina quando eu tinha 12 anos e só fui ficar com uma, de fato, aos 17. Bom, a gente ficou se beijando tanto que perdemos a noção da hora e minha mãe chegou lá em casa. Fui logo tentando disfarçar falando que ela era a namorada de um amigo meu e minha mãe a levou embora, talvez desconfiando de algo porque

realmente acho que nossas bocas estavam muito vermelhas. Com essa garota, eu namorei durante 2 anos. Foi um relacionamento muito bom no geral, mas era difícil, porque ela era muito custosa. Eu morava em outra cidade e ela aqui em Goiânia e a gente se encontrava pouco.

A partir daí, comecei a viver uma vida muito intensa no meio lésbico, a ficar com várias meninas e conhecer muita gente. Estar no meio gay era extremamente prazeroso para mim! Até que mudei de cidade e lá comecei a namorar uma menina chamada Bianca. Esse relacionamento modificou muito a minha vida, porque ela praticamente morava comigo. Foi minha primeira experiência de morar com uma mulher, a gente convivia muito e isso era bom.

Todas as vezes que eu namorei, tentei ficar voltada apenas para a pessoa, mas nunca fui fiel, não me lembro de ter sido 100% fiel a ninguém, infelizmente. Então, teve um ponto da minha relação com Bianca que passei a me interessar por outras meninas. E em uma das vezes que viajei sem ela, conheci mais uma menina que modificou minha vida: Thais.

Em julho deste ano, completou quatro anos que a gente convive e que a gente pensa uma na outra todos os dias. Eu e ela tivemos um relacionamento no qual pude ter os melhores dias da minha vida. Ela me presenteou com um monte de sentimentos sublimes, era uma coisa muito intensa, e eu imaginava que viveria com ela para sempre, porque eu era muito fã dela, da forma como ela lidava com o mundo, como me fazia rir e também como ela me desejava, era uma coisa única. Mas foi aí com Thaís que todos os meus problemas

começaram. Ela me apresentou muitos sentimentos bons, mas com ela, também vieram muitas coisas ruins relacionadas à minha família. Eu fui me apegando muito à ela e a vontade de estar perto era grande, até que minha família acabou descobrindo, o que foi um choque muito grande, porque minha mãe é uma pessoa muito complicada.

Ela começou a entrar em depressão, a falar que ia se suicidar, ficou muito mal. Minha avó, que é uma figura importante para mim porque ajudou a me criar, também descobriu ou só desconfiou, não sei, mas ela começou a emagrecer muito. E meu pai foi ficando mais calado, minha mãe me dizia que algumas veias do coração dele estavam arrebentando e que a culpa era minha, aí eu fui perdendo o gosto.

Tive um relacionamento bom com Thais durante 2 anos, 2 anos e meio e, depois disso, começou a vir tanto problema. Parece que toda vez que eu a via, acontecia uma coisa ruim depois. Aquilo me trazia uma coisa ruim, eu me arrependia, meus pais descobriam de alguma forma. Meus pais sempre foram muito atentos a mim, eu não sei como, mas eles sentiam e sabiam onde eu estava. Eu fui muito perseguida e atribuo isso a uma falta de personalidade da minha parte, falta de firmeza de ir atrás da minha vida, do que me fazia feliz. Eu era feliz demais da conta e, mesmo assim, resolvi abrir mão. Eu acho que se eu tivesse forçado um pouquinho, minha mãe tinha se acostumado com isso, ia passar, mas eu não tive esforço suficiente para lutar pelo o que eu queria, pelo o que me fazia bem, então eu falei para meus pais que eu nunca mais ia fazer isso. Sofri muito...

Com isso, me isolei dentro de casa, só ia ao trabalho, deixava meu celular em qualquer lugar para eles verem que eu não estava conversando escondida no quarto. Quis mostrar para minha mãe que eu não estava fazendo nada, mas, mesmo assim, ela não mudou comigo. Minha mãe só me rejeitava e meu pai também, mas um pouco menos. Depois disso, comecei a namorar um menino que é muito bom para mim, gosto muito dele. Na verdade, não sei até que ponto e nem porque gosto dele assim...

(choro)

Que raiva...

Eu namoro com ele e tenho vontade de ficar com outras meninas, mas não vou ficar, porque criei um problema na minha cabeça muito grande: não acho que ficar com pessoas do mesmo sexo seja certo mais. Vou viver assim, quero dar certo com meu namorado, casar com ele daqui a alguns anos, ter filhos... é o que eu quero agora, viver assim, porque é o jeito sem problemas. Não vejo como algo tão ruim, é viver normal, não sei explicar. Mas sabe, algumas vezes já pensei também que vou me casar com ele, ter filhos, aí quando eu estiver mais velha, largo ele e quem sabe eu encontro uma mulher que já esteja madura também e aí a gente vive juntas, viaja...

Eu já tinha me relacionado com outros meninos, mas não consigo lembrar o que eu fazia com eles, o que eles me traziam de sentimento, é uma parte meio apagada, não me lembro de algum que tenha me marcado muito. Já em relação às mulheres, eu tenho várias na minha cabeça. Eu sei que a vida com uma mulher é uma coisa muito diferente do normal, você não vive com a mesmice, ainda mais se a mulher for interessante... E

eu fico pensando que tem muitas mulheres interessantes no mundo... Mas não quero pensar nelas agora não!

A minha relação com minha mãe sempre foi um pouco atribulada, mas a gente dava muito certo uma com a outra. Até acho que ela desconfiou algumas vezes antes da Thais, mas eu também nunca levei uma relação tão a sério, então nem dava tempo de chegar até minha família. E foi quando ela descobriu de mim que nossa relação afundou. Na verdade, minha mãe foi descobrindo aos poucos. Primeiro, ela achou umas fotos que a Thais tinha me dado, mas não falou nada, conviveu com isso por um tempo até explodir dentro dela. Foi tentando conter ali um pouco, mas não conseguiu, porque só foi descobrindo mais coisas, e no final, eu falei abertamente que namorava uma menina, que era muito importante para mim, que me fazia muito feliz, uma felicidade que eu nem conseguia mensurar. Quando falei isso, estávamos no carro indo para a casa da minha avó. Minha mãe ouviu e inicialmente ficou tranquila, mas quando chegamos lá, ela desceu do carro e parece que foi aí o momento de absorção do que eu tinha dito. Ela caiu de cama naquela hora e a partir daquele dia, eu só me lembro de vê-la na cama, apática, como se estivesse vegetando. Era horrível, aquilo me corroía por dentro!

Depois ela começou com a ideia de querer se suicidar, então eu chegava em casa e a primeira cena que eu via era a minha mãe pendurada com a mangueira do chuveiro. Um dia, eu estava no trabalho e minha mãe me ligou dizendo que ia colocar fogo em tudo e se matar. Eu saí desesperada e nem me lembro de nada do

caminho até chegar em casa. Quando eu cheguei, deixei o portão aberto, senti cheiro de queimado, e ela tinha só colocado fogo num cachecol que a Thais tinha me dado. Nossa, eu não conseguia sentir minhas pernas, eu vi que ela estava bem e, na mesma hora, caí no chão. Foi uma sensação... o nível das minhas histórias com minha mãe era mais ou menos esse, coisas muito pesadas para mim, então isso foi me dando uma carga interna, um tumulto cerebral tão grande que fui perdendo o gosto pela forma da minha vida de quando eu era feliz. Eu optei por modificar, foi uma carga muito pesada nas minhas costas e eu vivia tudo sozinha. Todos os problemas que apareciam eram jogados em cima de mim, o que acontecia de errado, mesmo se fosse um copo que caiu no chão, era culpa minha, toda uma carga em cima de mim.

E acho que ela é assim mais por conta dos amigos, da família, dos núcleos de convivência. Minha mãe sempre quis que eu fosse muito diferente do que eu sou hoje. E não é por causa de religião, é por vergonha frente à sociedade mesmo. Eu gravei uns vídeos em que ela dizia parecendo estar possuída ‘eu abomino o homossexualismo, eu abomino mulher com mulher!’. Ela caía no chão, falava que me odiava, que preferia me ver morta, que ia me matar e fazer um funeral de pompa para mim, pois preferia me ver debaixo da terra. Então eu vejo que toda a dor que eu passei por gostar de mulheres, por ter escolhido (na verdade, não sei se escolhi ou se já nasci assim), me trouxe um tormento muito grande também, porque tive uma época muito feliz, mas a maior parte foi de pura confusão, de conflitos muito fortes. E não era assim ‘ah, sua lésbica!’ de boca a boca, era algo muito

mais fundo e só eu recebia isso, não tinha ninguém para dividir comigo.

Eu penso ‘como eu sobrevivi a isso tudo?’. Acho que foi porque eu abri mão. Mas às vezes eu também penso ‘e se eu tivesse persistido, onde isso teria dado?’. Acho mesmo que minha mãe não teria se suicidado, ela não ia querer conviver, tamparia o sol com a peneira e ficaríamos cada uma na sua.

Nessa época, minha mãe influenciou todas as outras pessoas, porque ela falava para todo mundo que convivia com aquela situação diariamente que a culpa era minha. Então eles me falavam ‘se sua mãe morrer, a culpa será sua!’. Eu pensei algumas vezes que eu podia acabar comigo de alguma forma. Eu sei que esse é um pensamento muito idiota, eu jamais faria isso, mas se eu acabasse comigo logo, não teria que ter aquele peso na minha mente. Aí depois eu mudei um pouco e pensava que, se minha mãe se matasse por minha causa, eu não iria ao velório dela, eu sumiria para não ter que escutar alguém falando que a culpa era minha. Já hoje sou muito mais leve em relação a isso, não sei explicar, mas se minha mãe morrer hoje, eu nem sei... Ela é uma pessoa muito diferente de mim, insulta as pessoas, não sabe estar perto sem julgar, e isso é o contrário dos meus princípios, da minha forma de ver a vida. Minha mãe vê a vida de uma forma muito pesada e isso me ajudou a construir a minha de uma forma mais leve, nunca reclamo de algo, vejo um lado positivo em tudo. Se eu bato a perna num lugar, eu penso ‘pelo menos, eu não quebrei!’, e é assim, amo ser desse jeito.

Eu não sei o que esse sentimento que tenho dentro de mim pode me trazer futuramente, mas hoje

quero viver minha vida assim mesmo, vivendo com um homem, apesar de saber que os momentos que vivi com mulheres, principalmente com a Thais, tiveram os sentimentos mais *tops* do mundo. Nossa, como foi bom! E não chegam nem aos pés do que eu vivo com meu namorado hoje, não chega nem perto, mas eu tenho vontade de ficar com ele, tenho desejo, apesar de achar que nós somos bem diferentes – ele é o meu oposto; sou uma pessoa agitada, ele é mais quieto, quero ir a uma festa, ele quer ver filme. Fico pensando sobre essas coisas, que se eu for infeliz no futuro, saberei que eu sou a culpada, porque estou plantando isso, tenho consciência. Se ele for reclamão... porque ele é muito reclamão no geral, coloca defeito em tudo, acho que ele vai ser um cara muito sistemático no futuro, então se eu tiver que lidar com um cara chato, a culpa será minha.

Na hora do sexo, eu penso em mulheres em alguns momentos, mas não são todos. No início do namoro, eu me estimulava muito mentalmente imaginando uma super transa entre homem e mulher, algo assim de movimento e destreza, de fazer o cara me admirar, de não ser uma pessoa totalmente passiva. Porque quando eu ficava com mulheres, eu amava ser passiva, sentir e aproveitar aquele momento, aquilo ali para mim era muito bom, nossa, era muito bom! Aí com ele eu já tive outra forma de ver, eu queria sobressair de alguma forma, eu queria imaginar que eu estava sendo muito fera, então isso me ajudou a me estimular mais para desejar mais, ficar mais excitada. Eu me acostumei, mas acho que ajudou muito o fato de eu ter colocado na minha cabeça que eu não ia ficar mais com mulher.

Nunca gostei de mulheres que se consideravam bissexuais, nunca gostei do termo, mas eu me sinto uma delas agora. Porque hétero eu não sou, já que ainda tenho esses pensamentos confusos. Antes eu tinha certeza que eu era totalmente homo, não sentia nada por homem. Eu tenho dificuldades com nomenclaturas como homossexual, sapatão, lésbica, acho feio, pejorativo. Gay tudo bem, mas na área de mulher, eu tenho dificuldade com todos, nunca quis me enquadrar em alguma. Eu lembro que várias pessoas me perguntavam 'você é o que?' e eu sempre falava 'eu gosto de mulher!'.

Às vezes, me vejo como uma mulher de 27 anos que não sabe o que quer da vida, que está perdendo tempo, que não tem um pingo de atitude e que prefere agradar os outros ao invés de si mesma. Eu me xingo nesses espelhos de casa, do elevador (algumas vezes eu vou lá no elevador só para falar comigo no espelho, falo um monte de coisa, só coisa ruim). No final das contas, é uma confusão muito grande, meus pensamentos são contraditórios e eu não sei o que quero nem o que penso. Criei autodefesas que nem sei para onde se norteiam e cada hora eu penso alguma coisa diferente: certo, errado, bom, ruim. Talvez eu precise de um tombo para acordar ou vou viver essa vida mesmo que estou vivendo agora até ficar velha e desinteressante. Ah, não sei, cada hora eu complico mais.

2.3. Silvia

> "À medida que eu passei a sair mais, também comecei a perceber esses limites, as rejeições, os incômodos, que até então eram invisíveis para mim."

Sou lésbica. Eu acho que sempre gostei de mulheres. É que me lembro de algumas admirações que tive por minhas professoras de *ballet*, piano, natação e karatê durante o Ensino Fundamental, na 2ª série, na 3ª série e por aí vai. Quando eu tinha 15 anos, estava no 2º ano do Ensino Médio e percebi uma admiração pela professora de Português, mas aí saquei que não era bem isso, era algo mais. Nessa época, também fiquei a fim de uma menina da minha sala, mas não dei muita corda pro sentimento, ficou ali próximo de ser apenas admiração.

Na verdade, a lesbianidade nunca foi uma questão para mim, porque meus pais sempre fizeram a linha do "tanto faz o que você é, você pode ser o que você quiser", então essas coisas nunca foram faladas, eles me aceitariam de qualquer jeito. E só ano passado que ser lésbica passou a ser uma questão na minha vida, porque tive meu primeiro namoro com uma mulher e foi com alguém que não tinha a mesma realidade que eu, então saí um pouco da minha bolha. Na minha família, meus irmãos e meus pais aceitam numa boa; minha avó nem tanto, mas minha mãe me usou para educá-la. Ela falou: "a Silvia é assim e ela vai ser muito bem aceita na nossa família". E então ela me aceita, não do mesmo jeito que meus pais, mas ano passado mesmo

eu apresentei minha namorada a ela sem floreios. E isso é um fato: eu não tenho floreios, e eu gosto de ser assim, de não me importar com demonstração de afeto em público, mas sempre tive problemas com isso, porque muita gente se importa. Quando eu era mais nova, eu era mais radical, acreditava que a lesbianidade, a homossexualidade, só seria aceita se a gente de fato ocupasse os espaços, o que significa, por exemplo, pegar na mão da companheira e sair por aí andando. Mas hoje eu sou mais tranquila, a pessoa tem o direito de não se sentir bem demonstrando afetos em público, ela não é melhor nem pior por isso.

A minha mãe sempre me perguntava “Silvia, você está namorando um menino? E uma menina? Você está de namorado? E de namorada?”. Ela sondava dessa forma e eu só dizia que não, porque na verdade eu já sabia que não teria problema com meus pais, só que não fazia sentido ficar falando sobre coisas que eu ainda não tinha feito. Então como não era concreto, não era algo que eu tinha experienciado, não achava que tinha que ficar teorizando.

Acho que, quando a pessoa não tem a visibilidade da diversidade sexual na vida, fica mais difícil de enxergar e respeitar as possibilidades. Eu sabia que seria tranquilo para meus pais, porque minha mãe tinha amigos gays que moravam juntos, que eram casados, duas amigas que adotaram uma menina. Então, desde que eu era criança, a homossexualidade estava presente no meu dia a dia. Minha mãe sempre foi contra todo tipo de preconceito, ela corrigia a gente em relação a qualquer termo pejorativo e fazia do mesmo jeito com nossos amigos que iam lá em casa. O

fato de ela ser do meio artístico ajudou, claro, e meu pai, mesmo sendo médico, sempre esteve envolvido nesse meio também.

Meu irmão fala que eu realizei o sonho dos meus pais de ter um filho gay. Quando eu finalmente apresentei à minha família a pessoa que eu estava namorando, eles ficaram super felizes. Acho que eles tinham a impressão de que eu não queria contar algo, mas não era isso, era só porque eu ainda não tinha ficado com alguém de fato. Eu até tinha tido algumas experiências: no início da faculdade, uma amiga me beijou numa festa, e já tinha também me apaixonado por algumas mulheres. É que não tinha acontecido algo concreto para dizer a eles.

Eu me lembro de uma vez que fui com minha namorada e algumas amigas para a casa de passeio do meu pai numa cidade do interior. Ele e minha madrasta estavam lá também e, em algum momento, ouvi de longe ele falando com orgulho "eu já sabia, já tem três anos que eu sei que Silvia é lésbica!". Foi bacana, mas aí fiquei pensando "o que eu fiz há três anos que deu esse indicativo?". Depois descobri que foi porque há três anos atrás eu fui num jantar e conheci uma amiga lésbica da minha madrasta e ela disse que eu poderia não saber ainda, mas que ela sabia que eu era lésbica também. Eu não sei por que ela falou isso, talvez por identificar em mim algo do estereótipo. É que fui uma criança *tomboy*, já tive aquele cabelo joãozinho, de cuia, gostava mais de usar calça e de brincar de bola. Eu até tive boneca, mas furei a mão dela e a transformei em Wolverine. Acho que pode ser por isso, até porque meus pais não perguntavam aos

meus irmãos se eles estavam namorando uma menina ou um menino, aconteceu só comigo.

Em nenhuma situação da minha vida foi uma preocupação sair do armário. Com minha família e amigos, eu só cheguei e falei que estava com alguém e esse alguém era uma mulher. Não precisei falar exatamente "eu sou lésbica", e também nunca fiz questão de colocar rótulos. E não passou pela minha cabeça que eles pudessem me rejeitar de alguma maneira. Nem sei se para alguém foi uma surpresa. Ninguém me falou nada, me lembro só de um comentário de uma amiga quando estávamos no carro e coloquei para tocar *Garbage*, que é uma banda que tocava no seriado lésbico *The L Word*, aí ela disse "nossa, Silvia, você está ficando cada vez mais lésbica!", eu só respondi "que dia eu fui menos?", e nós duas rimos juntas. Mas o fato de eu ter feito graduação num curso vinculado ao departamento de artes e comunicação influencia. Se eu tivesse numa engenharia, talvez tivesse tido um pouco de dificuldade. E na verdade, eu raramente me envolvo com pessoas que não me aceitariam, tenho primeiros contatos com várias pessoas, mas aquelas que vão de fato permanecer na minha vida têm que ter afinidades comigo, e isso tem a ver com aceitação em vários âmbitos e não só em relação à minha sexualidade.

Mas é claro que isso tudo também gerou impactos ruins na minha vida. Eu passei por vários atos de rejeição em relação à demonstração de afeto em público, por exemplo. Quando comecei a me relacionar com mulheres, eu pegava na mão, beijava em qualquer lugar, e já aconteceu de a pessoa tirar a minha mão, se afastar, aí fui percebendo os limites. Foi assim

que fui entendendo melhor o que é de fato ser lésbica, quais são os “poréns” que vêm com isso. Porque antes eu não tinha esses limites, meus pais aceitam e são liberais, então na minha casa demonstrar carinho e beijar nunca foram problemas. Falo isso porque tem até casal heterossexual que não se sente à vontade para beijar na boca dentro da casa dos pais e na minha família nunca teve isso.

É interessante, porque minha vida social também foi influenciada. Eu nunca senti a necessidade de me fechar num “meio lésbico”, porque não tenho problema em me expressar em outros ambientes. Passei a me relacionar com mais pessoas desse “meio” depois que comecei a namorar e minha namorada fazia parte dele. Até porque acho que o “meio” existe pelo fato de as pessoas precisarem de ambientes nos quais possam se expressar e eu sempre tive isso. Acho que esses grupos se formam em busca de apoio emocional e de proteção, porque é o que muitas vezes falta na família e nos amigos. Então à medida que eu passei a sair mais, também comecei a perceber esses limites, as rejeições, os incômodos, que até então eram invisíveis para mim. E para falar a verdade, quando alguém me dizia que tinha gente olhando, eu falava “e daí?”. Eu sei que é mais fácil eu falar isso, porque não cresci com rejeições. Ter a base dos meus pais, irmãos e amigos faz com que eu não sinta tanto.

Acho que ter na cidade espaços que não permitem a expressão da homossexualidade acaba criando essa cultura LGBT e as pessoas se fecham nela. Para ser sincera, eu não gosto muito, porque, muitas vezes, criam-se laços e relações apenas por conta dessas interdições. Aí você vai a festas na casa de alguém e

> todas as pessoas estão lá e a única coisa que você tem em comum com elas é o fato de ser lésbica. Então, principalmente antes do ano passado, quando eu nem sequer me definia assim, eu achava bem ruim. Eu gosto de mulheres, mas eu gosto de muitas outras coisas. São várias pessoas que têm vários gostos por várias coisas e nenhuma afinidade para poder conversar. A afinidade é a sexualidade e eu não acho que isso basta para conviver com pessoas.
>
> Mas eu achei interessante perceber na prática o que é a realidade e por isso falo que na verdade só ano passado comecei a me sentir e me declarar lésbica de fato. Claro que também teve o fato de eu começar a estudar gênero e sexualidade e aí entrou uma questão de ideologia. E por fim, teve o fato de eu experienciar um namoro e ter mais intimidade, o que me fez pensar que estar com homens é "ok", mas com mulheres é outra história!
>
> ----------

É possível perceber que as dinâmicas familiares apresentadas por Rita, Tina e Silvia giram em torno da família nuclear heterossexual, tendo como foco principal, na primeira, o pai, e na segunda, a mãe. Tina também coloca em pauta membros da família extensa, os quais possuem uma convivência diária com ela, como por exemplo, a avó que ajudou em sua criação.

A partir disso, tanto a história de Rita quanto a de Tina evidenciam que elas estão inseridas num contexto que é marcado pela presença de violências expressas por "tortura psicológica cotidiana", "falta de ação" e rejeições, ao invés de fornecer apoio e possibilidades para a concretização de seus desejos afetivo-sexuais. Rita conta que seu pai era um "detetive" que a perseguia e ameaçava de morte sua namorada, o que "virou rotina". A mãe de Tina também a perseguia, a culpava por qualquer problema que surgia e era responsável pela presença concreta da ameaça à vida de Tina.

Como forma de fugir dessa realidade, “manobras” aconteceram: Rita se encontrava às escondidas com Cecília, enquanto Tina resolveu abrir mão de seus relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres, se isolar em casa e namorar um homem. Tais ações resolveram aparentemente os conflitos, mas o que fica marcante é a força que a vivência da violência possui. Isso porque tanto Rita quanto Tina relataram sobre pensamentos suicidas em suas trajetórias e carregam rastros do que foi vivido. Enquanto a primeira afirma ter muitas mágoas por todo o “transtorno, pressão e tortura psicológica” que viveu, a segunda vive “conflitos fortes”, se xinga pelos espelhos da casa e acha que relações entre pessoas do mesmo sexo não são certas.

A história de Silvia faz parte desse capítulo pela importante exemplificação da possibilidade de construir uma dinâmica familiar que fornece apoio e segurança às sexualidades. É destacável o fato de a mãe dessa interlocutora tomar iniciativas, deixando claro que ali há possibilidades para a filha ser o que ela quiser – em qualquer aspecto da vida. E do pai dizer com orgulho sobre a sexualidade de Silvia.

Assim, ser lésbica só passou a ser questão quando ela entrou em contato com outras mulheres lésbicas que não vivenciaram o mesmo apoio. E nesse ponto da trajetória de Silvia, as “manobras” também apareceram. Ao se afastar de sua dinâmica familiar, ela precisou ter “limites” e diminuir a demonstração de afeto em público. Porém, é notável como o fato de Silvia não ter crescido com rejeições possibilita uma vivência da sexualidade mais segura. Ela confirma isso quando diz “E para falar a verdade, quando alguém me dizia que tinha gente olhando, eu falava ‘e daí?’”.

Pode-se dizer então que as trajetórias dessas três mulheres foram marcadas por conflitos e expressão de dor e sofrimento por serem lésbicas. As violências provocadas pela família de Rita, na ação do pai, e de Tina, por meio da mãe, faziam parte do cotidiano das duas, o que, segundo Das (1999), é o que possibilita que as mesmas sejam narradas, tendo em vista que o próprio tempo permite a reescritura das trajetórias. A partir disso, as “manobras” aqui aparecem como formas de defesa e, assim, são ações consequentes de um contexto prévio que tenta acabar com desejos e formas de existir diferentes da imposta pela heteronormatividade. Assim como Ortner (2007) teoriza, as ações das interlocutoras movidas como forma de resistência deixam claro que, nas dinâmicas familiares, há relações complexas e contraditórias de poder que exigem agenciamentos.

* * *

Esse capítulo teve a intenção de problematizar trajetórias de mulheres lésbicas com relação a dinâmicas familiares, tanto no âmbito nuclear quanto no extenso. Assim, foi possível evidenciar a marcada presença de violências cotidianas através da ação central do pai de Rita e da mãe de Tina. Tais violências foram provocadoras de ações defensivas por parte das interlocutoras, o que revela o agenciamento dessas mulheres num contexto que as rejeita e reprime. Também houve o destaque da possibilidade de construção de dinâmicas que acolhem e apoiam, como o caso de Silvia. Por fim, esteve em pauta a diferença entre apoio e rejeição familiar e, principalmente, os impactos disso para a construção de um percurso de vida mais ou menos saudável.

3. LESBIANIDADES E DINÂMICAS RELIGIOSAS

Neste capítulo, busco evidenciar algumas relações existentes entre lesbianidades e dinâmicas religiosas por meio das histórias de Gabriela, Laura e Bruna – em perspectiva à religião evangélica. Os cinco pontos elaborados por Fonseca (2007) a respeito de uma abordagem crítica acerca da família – o fato de ser um produto ideológico historicamente produzido; de ser constituída também por estruturas implícitas, como gênero, raça, classe, sexualidade, que marcam segmentações e desigualdades sociais; de dar outro significado ao "cuidar"; de incluir o reconhecimento de experiências de conflito e abuso, além das de apoio; e de não ser uma unidade autônoma ou isolada – possibilitam também um olhar crítico à religião.

A intenção aqui é refletir sobre vivências religiosas que algumas mulheres lésbicas possuem, levando em conta que não é possível fazer um descolamento de tais vivências do contexto histórico e social, dos marcadores sociais que as perpassam e principalmente das experiências de conflito e abuso existentes. Assim, partindo de Fonseca (2005; 2007), proponho a categoria *dinâmicas religiosas* para refletir sobre as trajetórias aqui apresentadas.

Marcelo Natividade (2006) afirma que para as doutrinas evangélicas, a homossexualidade é um pecado que é aprendido, e assim sendo, pode (e deve) ser abandonado através de um tratamento espiritual – de restauração e de cura. É possível encontrar alguns segmentos que possuem um discurso de acolhimento aos homossexuais, porém as práticas sexuais dessas pessoas permanecem como pecaminosas.

O intuito aqui não é o de negar qualquer possibilidade de existência de segmentos e dinâmicas religiosas que não lidam com a homossexualidade como um pecado, como a Igreja Cristã Contemporânea[9], por exemplo. Mas é fato que, cada vez mais, a bancada evangélica tem crescido[10] no congresso nacional na defesa de famílias constituídas apenas por um homem e uma mulher, contra leis que criminalizam a homofobia e que descriminalizam o aborto, e contra qualquer mudança no discurso dominante machista e homofóbico. Infelizmente, isso tem mantido violências e discursos heteronormativos, gerando também uma ideia associativa direta do discurso

---

[9] Para saber mais, o site é http://www.igrejacontemporanea.com.br

[10] Acesso ao texto: *Brasil elege o Congresso mais conservador desde 1964* - http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/10/brasil-elege-congresso-mais-conservador-desde-1964.html

religioso com esses setores reacionários, a qual nem sempre é correta, tendo em vista que tais setores não representam a totalidade religiosa no País.

Tendo em vista esse contexto que não abre espaços para a legitimação de sexualidades diversas e que tem ganhado força em importantes âmbitos sociais, como o legislativo, a proposta neste capítulo é a de dar continuidade à análise e discussão acerca das lesbianidades, mas agora em conexão com as dinâmicas religiosas narradas por Gabriela, Laura e Bruna, as quais são apresentadas abaixo.

3.1. Gabriela

> "Era como uma pessoa fumante que não consegue largar e de vez em quando fuma. Na minha cabeça era isso e Deus entendia."

Eu acho que se eu não tivesse sido casada, se não tivesse tido uma relação com um cara, eu ficaria confusa até hoje, pensando que eu nunca tinha testado, mas fiquei casada um ano e oito meses e eu sei exatamente o que eu não senti e exatamente o que eu sinto, então consigo fazer esse paralelo. Hoje eu sou lésbica e sempre tive dificuldades em verbalizar isso, não me sinto confortável em falar nesses termos, em me apresentar dessa maneira: "sou lésbica" ou "sou homossexual". Mas a minha orientação sexual é essa, só não me sinto confortável.

Isso acontece porque eu aprendi que isso não é certo, que não vai me levar a lugar algum. Aprendi que o homossexual não vai ter família e esta é o que você tem que ter, você tem que desejar ter; o resto, como um bom emprego, principalmente para a mulher, não é prioridade. A mulher tem que se casar, ter filhos e cuidar da família, o resto é secundário.

Como eu cresci nessa formação, é difícil até hoje eu entender que eu posso romper e que se eu quiser ser feliz, tenho que romper. Eu sei que posso ter filhos e me casar com uma mulher e que isso vai ser minha família, mas não será a tradicional, a que esperam que eu tenha. E é difícil pensar de outra maneira. Eu tenho uma resistência e, sempre que qualquer coisa ruim acontece na minha vida, o pensamento instantâneo que me vem é "isso é porque você está fazendo tudo errado, a culpa é sua!", e penso logo que é por eu estar fora da igreja e namorando uma mulher.

E estar com uma mulher é virar as costas para tudo que eu aprendi na igreja, virar as costas para minha família. Eu estou seguindo o caminho oposto ao que eu aprendi que era certo. A religião tem muito isso: o caminho certo e o errado, você não tem o seu caminho. E se você estiver no errado, nada vai dar certo na sua vida. Embarco muitas vezes nesses pensamentos...

Com o passar do tempo, a maturidade e a análise me ajudaram muito a entender que cada um tem seu caminho e que nele é possível fazer escolhas certas e erradas, e elas dependem do ponto de vista de cada um. Mas eu sei que não é assim que minha família vai me ver se eu conversar com eles sobre isso. Para eles, eu estarei completamente perdida, vou para o inferno e nunca serei feliz.

Toda essa construção da religião e da moral ao longo da minha vida repercute até hoje. E a análise me colocava em conflito porque, no início, eu falava várias coisas esperando ouvir de volta algo como "não, isso está errado, você tem que fazer diferente!". Mas isso nunca aconteceu, porque não era

errado, era apenas o que eu sentia e o que eu queria fazer. Foi isso que me ajudou a quebrar essa questão de certo e errado, mas sei que ainda tenho um pouco disso. Sempre tive essas polaridades muito bem definidas: certo e errado não têm meio termo, eu faço isso ou aquilo, é homossexual ou heterossexual, é mulher ou homem.

Mesmo assim, eu tinha conflitos com essas polaridades, porque desde pequena eu queria andar igual aos meus dois irmãos, queria brincar com eles e só ouvia "não, você é menina, você vai usar essa roupa e brincar disso" e isso era chato. Eu via que eles podiam e eu não podia por ser menina, e eu odiava! Eu não podia fazer um monte de coisa que eu queria e isso foi me fazendo criar uma visão distorcida de mim mesma. Eu não conseguia me ver como menina do jeito que tinha que ser, um padrão de saia, blusa rosa e sapatinho como minha mãe queria, mas também não podia andar do jeito que eu queria. Meus irmãos podiam andar muito mais confortáveis e eu pensava "por que eles podem sair de tênis e eu não posso? Por que eles podem sair de *short* e eu não posso? Por que eles podem brincar sem camisa e eu não posso?". Com isso, eu não sabia ao certo o que nem como eu era. Eu tinha uma autoimagem muito esquisita e feia. E só consegui quebrar isso com a minha primeira namorada, Maria, porque fui ficando mais segura. Esse caminho de me aceitar começou mesmo há pouco mais de 1 ano e ainda estou nesse processo.

Eu não sei dizer quando foi o *start*, lembro que sempre amei muito as minhas amigas e queria estar perto delas fisicamente, mas eu não entendia isso. Comecei a achar que gostava de um menino aos 16 anos

por pressão das pessoas da igreja. Todas as meninas da minha idade perguntavam com quem eu queria ficar, então eu escolhi um menino bonitinho e fiquei a fim dele. Até os 19 anos, eu ainda não tinha namorado, não tinha sequer beijado na boca, porque eu não me interessava por homens e por estar fora de cogitação a possibilidade de me apaixonar por uma mulher. Isso não era do meu mundo, eu não convivia com gays e lésbicas. Então até existia, mas como algo distante, muito errado e sombrio. Na igreja, esse não era um assunto recorrente; eles falam basicamente sobre sexo antes do casamento (sendo o maior pecado que um jovem pode cometer), masturbação e obediência a pai e mãe. Lá a homossexualidade não existe.

A primeira vez que eu levei um choque com essa questão da homossexualidade foi aos 17 anos, quando alguém entrou numa sala da igreja, viu que eu estava deitada no colo de uma amiga e fechou a porta de uma vez. Eu não via problema nisso, mas a reação dessa pessoa me fez questionar o que eu estava fazendo e se eu estava apaixonada por minha amiga sem saber. Isso me enlouqueceu, fiquei muito culpada e só conseguia pensar que, se eu realmente estivesse apaixonada, como me livraria daquilo, porque sabia que não podia.

Aos 19 anos, eu e toda minha família mudamos de igreja e foi nesse momento que Maria, minha primeira namorada, apareceu. Na verdade, a gente já se conhecia (porque ela era dessa antiga igreja), mas depois da minha mudança, ela começou a me ligar querendo manter o contato e, como eu tinha perdido todos os meus amigos, achei uma ótima ideia. A gente foi se aproximando muito e, aos poucos, fui percebendo que queria ficar com ela, o que me deixou

muito aflita. Eu sentia vontade, culpa e desespero ao mesmo tempo. Só que Maria tinha um namorado, então eu não achava que aconteceria algo.

Até que chegou o dia: a gente começou a se abraçar demoradamente – na minha cabeça podia acontecer tudo, mas enquanto eu não a beijasse, não tinha nada de errado – e então a gente se beijou. Na mesma hora, o mundo caiu na minha cabeça, eu me perguntava "o que vou fazer agora?", "como eu vou para casa encarar minha mãe?", "como Deus está me vendo agora?", "Deus está muito triste comigo, não é isso que ele quer para mim". Mas também foi um momento que senti como se um monte de explosões cósmicas tivesse acontecido. Foi incrível nosso primeiro beijo e os subsequentes, porque a gente não parou mais. Ficamos juntas durante 8 anos, mas sem ter uma relação oficial (inclusive ela manteve o namoro durante todo esse tempo). Ela e o namorado passaram a frequentar a minha igreja e, como eu e Maria trabalhávamos ativamente lá e todas as pessoas nos admiravam, a gente não podia vacilar. Nesse ponto, o fato dela ter namorado era confortabilíssimo, porque ninguém desconfiava de nós duas.

Eu ficava com ela todos os dias e quando eu chegava em casa, me sentia culpada, não sabia como olhar para Deus, como me relacionar com Ele. Era incompatível ter uma relação com uma mulher e com Deus. Eu achava que o fato de ter sido uma mulher a primeira pessoa que beijei na vida fazia com que eu não tivesse qualquer possibilidade de salvação. E para piorar, eu tinha certeza de que se eu beijasse um homem, não seria tão bom quanto tinha sido beijar

Maria. Eu estava condenada, tinha acabado com a minha vida ali.

Chegou um ponto que eu consegui conciliar toda a culpa que sentia, e não sei se eu me enganava em relação a Deus ou se, toda vez que eu ficava com ela, eu pedia perdão e para mim estava tudo bem. Cada vez que eu ficava com Maria, era um escorregão, e como a gente não oficializou uma relação, eu achava que não estava errando, era só um pecado que eu não conseguia largar. Era como uma pessoa fumante que não consegue largar e de vez em quando fuma. Na minha cabeça era isso e Deus entendia. Eu não conseguia parar, e pedia "calma, Deus, eu vou me consertar, vou me casar com um homem, me ajeitar e tudo ficará bem".

Até aí, eu não olhava para outras mulheres, não existia isso de eu achar que eu era lésbica. Eu estava com ela, mas sabia que em algum momento conheceria um cara, me apaixonaria por ele e me casaria. Assim, aos 21 anos, ficou insustentável eu não ter um namorado, as pessoas começaram a fazer pressão e eu até achei uma boa ideia, porque assim eu poderia passar a sair com Maria e o namorado dela.

Maria também me impulsionou a namorar, porque quando a gente conversava sobre o futuro, eu já sabia que ela se casaria e que não daria para eu ser a amante para sempre. E ela sempre me tranquilizava, dizendo que eu ia encontrar alguém para me casar também. Não tinha futuro para nossa relação. Dessa forma, comecei a namorar e não sentia por ele nem a metade do que eu sentia por ela. A gente tentou transar uma vez, porque eu queria ver se, com isso, eu me libertava de querer ficar com Maria, mas ele não conseguiu e me convenceu de que tinha sido por

que é pecado transar antes de casar. Mesmo assim, namoramos por 3 anos e foi com ele que me casei. O meu contato com Maria já era menor nessa época, até porque ela se casou seis meses antes de mim e isso limitava nossos encontros.

Depois do meu casamento, eu e ela começamos a fazer um curso em outra cidade, então viajávamos e, nesse novo contexto, passamos a frequentar baladas, a conhecer homossexuais, a entrar nesse mundo e ver que era normal, que não era um mundo paralelo, que as pessoas eram felizes e não viviam escondidas. Todo um universo foi se criando para mim e percebi que eu tinha uma chance de ser feliz. Até comecei a considerar largar o casamento para viver com Maria, só que ela começou a ter um caso com outro cara e o marido dela, desconfiado, colocou coisas na casa deles – não sei se câmera ou gravador – para tentar descobrir algo e, no final das contas, descobriu tudo.

Quando ele descobriu, quis reunir todos os cônjuges envolvidos. Então, numa terça-feira de manhã, Maria me ligou falando que eu tinha que ir à casa dela imediatamente. Cheguei lá e encontrei a Maria, o marido dela e a esposa do outro cara. Ele começou a me insultar e ameaçou me bater. Quando meu marido chegou, ele ficou muito bravo, me xingou muito e eu ouvi calada, porque eu me sentia errada por estar ficando com uma mulher e por estar traindo, então ele tinha que falar mesmo. Saímos de lá e o marido de Maria nos fez ir conversar com os pastores da igreja e eu tive que confessar na frente de todo mundo que tinha ficado com ela, mas não falei que era algo de anos.

A pastora me falou que esse tinha sido um erro grave que poderia comprometer toda minha vida. Depois disso, me perguntou se eu tinha desejo por mulher e se eu sentia que eu era homossexual, porque se eu falasse que sim, ela teria como me ajudar a sair disso. Os pastores conheciam um pastor em Curitiba que trabalhava só com libertação de homossexuais e, se eu quisesse, eles poderiam pagar tudo para mim e me encaminhar para lá. Segundo ela, eu voltaria outra pessoa, completamente restaurada. Eu me senti muito mal, porque ninguém quis saber se eu estava sofrendo, se eu a amava, ninguém me abraçou e tentou me acalmar.

Quando a conversa acabou, os pastores marcaram uma nova reunião comigo e com meu marido na semana seguinte. E como meu marido não quis que eu voltasse para casa, tive que ficar na casa da minha mãe. Falei para ela que tinha sido só uma briga entre eu e ele, mas a minha mãe é muito difícil, foram dias muito ruins. Ela me acordava de madrugada implorando para eu falar o que estava acontecendo e eu não tinha coragem de dizer. No dia da reunião, eu me tranquei no banheiro, queria me matar, porque eu sabia que naquele dia minha mãe ia saber de tudo e isso era desesperador. Implorei para ela me proteger e não me levar nessa conversa, mas ela estava muito mais do lado deles do que do meu e me levou.

Lá, meu marido pediu desculpas por tudo que tinha me falado, assumiu ter exagerado e disse que estava disposto a continuar casado comigo. Quando eu disse que não queria mais, a pastora me alertou que aquele homem era a salvação da minha vida, resgatador da minha alma e que eu tinha que continuar com ele.

Até porque a Maria tinha mantido o casamento, então ela usou isso contra mim. Os pastores me aconselharam a tentar mais uma vez e voltar para a casa do meu marido – o que a princípio, não me pareceu uma boa ideia. Só que os pastores chamaram meus pais para essa reunião também e contaram a eles o que tinha acontecido entre Maria e eu. Foi péssimo! Minha mãe falava que ia matar, me bater. Ela também fez uma declaração que nunca consegui esquecer, é uma dor que infelizmente carrego até hoje, ainda não consegui superar: "eu preferiria que ela fosse uma assassina, eu preferiria que ela tivesse matado ou roubado, eu tenho nojo disso!". Eu tremia muito e chorava de cabeça baixa. No final, aceitei a proposta de voltar para casa do meu marido, só porque não queria ir para a da minha mãe, o que a acalmou também. Eu fiquei na casa dele uns dois meses. Nós não estávamos juntos, mas isso alimentou esperanças tanto nele quanto na minha mãe de que eu retomaria o casamento.

Eu não podia encontrar a Maria, mas um dia fomos escondidas a um bar. Minha mãe desconfiou, armou um esquema e conseguiu ir até onde estávamos. Ela contou para o meu marido e para o de Maria que tínhamos nos encontrado, o que gerou a minha separação definitiva. Acho que minha mãe esperava que ele fosse me "dar uns tapas" e me prender em casa, mas na verdade ele me expulsou de lá e, com raiva, contou tudo o que sabia para meus pais. Aí o inferno começou de fato, porque minha mãe me pressionava querendo saber tudo, detalhes, como a gente transava, como era o beijo. E depois de uns 4 dias, Maria me ligou dizendo que tinha recebido ameaça de morte. Eu sei que foi minha

mãe ou meus irmãos, então a partir daí a gente foi se afastando de verdade.

Fiquei na casa dos meus pais no máximo 15 dias, consegui alugar uma quitinete para mim e o tempo lá foi essencial. Finalmente tive espaço e tempo para sofrer por todos os términos – tanto do casamento quanto de Maria. Foi o período que eu percebi que estava sozinha, que se precisasse de apoio, eu não teria. Sofri muito, mas aprendi demais e comecei a perceber que era possível viver longe deles. Eu me afastei da igreja nesse momento, até porque eu não suportava voltar para aquele lugar com pessoas que não se importavam comigo. Só que ficou insustentável, eu tinha pensamentos de me matar o tempo inteiro, até que comecei a fazer análise, o que me ajudou bastante.

E é isso, não moro mais com minha mãe, mudei de cidade para fazer o mestrado, namoro há dois anos com uma mulher e a gente planeja morar juntas daqui um tempo. Estou fora daquela igreja, mas de vez em quando eu vou a outras, porque não quero sair totalmente. Fiquei decepcionada com as pessoas e com a instituição, mas continuo acreditando em tudo que eu acreditava, ainda sou cristã. Acredito de cabo a rabo na Bíblia, não abandonei nada, mas claro que fiz concessões, porque se eu não fizesse, não conseguiria viver. É fato que tem trechos da Bíblia que condenam o homossexualismo, então eu procuro pensar de outra forma. E hoje eu convivo com isso pensando que Deus não é mau, que Ele me ama e que não vai condenar uma situação que não consigo fazer diferente.

Percebi que decepcionar Deus e minha mãe me matava, eu vivia para agradá-la e para fazer aquilo

que eu achava que era o que Ele queria de mim. Eu não fazia o que eu queria, então hoje estou tentando me desvencilhar disso, mas é muito difícil. Até hoje, do nada, eu começo a me sentir culpada por ser lésbica, por estar morando sozinha, por ter abandonado minha mãe e por ter uma relação escondida dela. Ainda acho que Deus não gosta de mim, que Ele vai me castigar e que eu nunca vou ser feliz. Mas aí me acalmo, minha namorada e a análise me ajudam muito. Sei que só vou conseguir aos poucos, afinal foram 26 anos vivendo no mesmo ritmo de vida.

3.2. Laura

> "Ser lésbica tinha a ver com todas essas coisas, era tão criminoso quanto matar alguém na rua e ninguém quer se responsabilizar por um crime desse tamanho."

Não foi na primeira vez que eu fiquei com uma menina que percebi que sou lésbica. Eu achava que aquilo não tinha a ver com sexualidade, mas sim com amizade, por mais absurdo que isso pareça. Tive uma primeira pista apenas quando eu comecei a desejar meninas, sabendo que era uma coisa erótica. E isso foi só o começo do caminho até eu dizer "sou lésbica".

Desde sempre eu tive relações muito especiais e intensas com minhas amigas, eu tinha uma necessidade muito grande de andar de mãos dadas, de abraçar, de

ter contato físico. Isso já acontecia quando eu tinha uns 7 anos, mas na adolescência ficou mais forte, e eu achava que minhas amigas de verdade eram essas com as quais eu tinha liberdade de ter um contato físico intenso, de ficar segurando a mão e não soltar, de sentir a pessoa no abraço, de gostar da pele, do cheiro. Alguma coisa da minha sexualidade vazava por esses espaços das amizades, como acho que acontece com todo mundo, mas para mim isso veio a ter sentido depois. E eu achava que era só uma questão de amizade mesmo, porque isso tudo não me impedia de gostar de meninos. Eu tinha minhas paixõezinhas de adolescente pelo garoto da escola, pelo rapaz da igreja, por aquele cara do violão. EU pensava em ter um namorado, então era tranquilo.

É que havia tanta vontade de que não fosse sexual que, mesmo quando eu e minha amiga mais íntima chegamos ao ponto de um beijo e de algo muito próximo ao sexo, continuei negando e interpretando como amizade. Eu não sei explicar muito bem, mas é porque não podia, não podia muito! Eu não tive a possibilidade de interpretar de outra forma, porque ser lésbica, ser gay, não ser hétero, era algo fora do meu alcance, era uma coisa que nunca aconteceria comigo, seria tipo tragédia. Eu tive uma educação religiosa muito forte. As minhas noções de pai, mãe, irmãos, família, amigos e de todas as relações sociais foram construídas dentro dos padrões da igreja evangélica. E para a igreja isso é muito errado, inconcebível, é pecado. Sempre escutei que Deus ama o pecador, mas não ama o pecado, ou seja, Deus ama você, mas ele não ama o fato de você ter matado alguém, de você vender drogas, de você ser um

criminoso. Ser lésbica tinha a ver com todas essas coisas, era tão criminoso quanto matar alguém na rua e ninguém quer se responsabilizar por um crime desse tamanho.

Bom, quando surgiu esse primeiro beijo, eu e essa menina (Sabrina) decidimos que era uma coisa de amigas e que não contaríamos para ninguém, porque não entenderiam e interpretariam como algo além de amizade. Ela não morava em Goiânia, então ficamos muito tempo conversando pela internet e por cartas, relembrando o momento e como tinham sido bons os dias em que ficamos juntas. Até que um dia, eu enviei para ela duas cartas: uma escrita à caneta com várias páginas, contando como estava minha vida, e outra escrita a lápis, na qual eu dizia explicitamente do nosso contato físico, da parte que era só nossa. Mandei em dois papéis para que ela guardasse um e, depois que lesse o outro, queimasse, rasgasse, se livrasse dele. O problema é que a carta chegou antes na mão da mãe dela e ela leu coisas como “que saudade do seu beijo longo!”, “que saudade da sua pele!”. Sabrina negou tudo, disse para a mãe dela que ela tinha entendido tudo errado, que ela era louca por estar pensando que nós tínhamos algo além de amizade, e acho que a mãe dela queria tanto acreditar nisso que funcionou, ou pelo menos acalmou os ânimos por lá. Por achar que poderia me chatear e me perder, Sabrina não me contou que a mãe tinha lido a carta, só me disse que a gente não devia fazer o que estávamos fazendo, que estava errado a gente se beijar, se abraçar, que desagradava o coração de Deus. Eu não podia dizer que ela estava errada, então

só falei “ok, então agora a gente é amiga sem essa parte!”.

Ficamos um tempo sem nos falarmos, mas quando ela veio à Goiânia, a gente não conseguiu segurar. Tentamos evitar, mas quando a gente se encontrava, rolava um clima, uma vontade, até que um dia, fomos para o banheiro de um shopping, eu não estava mais suportando. Depois desse dia, ela foi à minha casa e quando a gente tinha acabado de transar (de roupa, de um jeito esquisito, mas que envolvia estimulação sexual e orgasmo), ela começou a chorar, quis colocar um fim e rasgou tudo meu que tinha dentro da carteira dela (carta, bilhete, presente), jogou no lixo na minha frente e eu me acabei de chorar, sofri demais.

Os conflitos religiosos me pegavam, mas no momento que eu estava com ela parecia que não fazia sentido, nem pesava, porque era muito intenso o que eu sentia, era tão forte que superava os conflitos. Quando ela ia embora, eu pensava *“putz,* o que estou fazendo?”, aí voltava tudo de um jeito muito forte, me sentia muito culpada. Muito, mas muito muito, demais, era insuportável o tamanho da culpa que eu sentia! Aí eu tentava esquecer que tinha acontecido, ia à igreja, escutava a palavra, tocava no louvor, fazia um monte de coisa que me fazia sentir um pouco mais normal. Por algum momento parecia que ela não existia, mas era só eu ir embora da igreja e ela, o conflito e a culpa voltavam.

Depois que ela rasgou tudo e foi embora, eu sentia um misto de mágoa, muita dor por causa desse amor que estava acabando e, ao mesmo tempo, um alívio por poder pensar que pelo menos não tinha mais que lidar com aquilo. Então eu a deixei ir embora,

guardei esse sofrimento só para mim e entrei na terapia para esquecê-la, porque eu achava que era algo especificamente com ela. Na terapia, eu cheguei a assumir que tinha tido uma relação homossexual, mas é diferente dizer que você teve uma relação e dizer que você é homossexual, são duas coisas completamente diferentes. Tive que lidar ali com todos os problemas que tinham me gerado uma relação homossexual, e eram problemas de ordem afetiva, mas tinha também a culpa religiosa – tanto é que procurei uma psicóloga evangélica. Eu queria uma pessoa que me botasse no eixo, que achasse que aquilo era um problema, que dissesse para mim que, se fosse coisa de Deus, não tinha dado errado. E deu certo, me desapaixonei da Sabrina, comecei a gostar de novo dos rapazes. Achei que eu podia colocar uma pedra em cima dessa história e seguir em frente. Ter achado que foi um erro ajudou nesse processo, porque, se eu achasse que esse sentimento era legítimo, ficaria muito mais difícil. Queria muito que não tivesse acontecido, me arrependi demais por ter dado mancada com Deus, com meus pais e com minha família.

Meus pais nunca tocaram diretamente no assunto e não precisou que eles falassem algo para eu me sentir culpada. Me lembro só de uma vez, quando eu era adolescente, que minha mãe me viu deitada na cama com uma das minhas amigas. Ela me tirou do quarto e disse que o que eu estava fazendo era errado, só disse isso, não me explicou o motivo, não disse a palavra homossexualidade, acho que tinha medo de dizer. Acredito que eles desconfiavam, mas me deixaram lidar com isso sozinha, talvez acreditando que eu acharia o caminho de Deus de novo, como de fato aconteceu

naquela época. E na igreja tem uma coisa muito louca, que é a pessoa não se responsabilizar pelos seus atos, o mau é o diabo quem faz. Então para mim, eu tinha sido levada por uma ideia do diabo, permiti que ele viesse e plantasse uma ideia pecaminosa na minha cabeça. Eu não era a responsável, o que não me livrava da culpa e da necessidade de ter que mudar e resistir à tentação.

O tempo foi passando e aconteceu o que eu nunca achei que fosse acontecer de novo. Meu interesse por mulheres foi voltando, inicialmente de forma inocente, com um jeito de ser apenas amizade, só que eu acho que quando você passa pela estrada uma vez, o caminho já está com a marca do seu pé, e meu desejo foi direto nessa direção, ele já sabia o caminho. E não dava mais para eu dizer que era coisa de amiga! Quando o cerco apertou e o desejo e a vontade ficaram muito fortes, eu já sabia que se eu deixasse acontecer, eu tinha alguma questão com isso.

Acabei ficando com outra mulher e isso gerou uma bagunça na minha cabeça, porque eu não estava mais me contentando com a desculpa de que era o diabo que colocava uma ideia pecaminosa na minha cabeça. Até porque eu sabia muito bem que era eu que queria fazer, então eu tive que me responsabilizar pelo meu desejo, e isso mudava todo um esquema daquilo que eu achava que eu era, que tinha sido construído em mim de um jeito muito sólido. E eu tinha que lidar com duas coisas muito intensas: assumir que eu tinha desejo por mulheres junto do fato de eu nunca poder ter esse desejo, porque eu seria uma assassina, estupradora, criminosa, o pior ser da face da Terra. Não teve como, eu não sabia o que fazer com isso, e

fiquei muito tempo sem saber como ser essa pessoa que desejava mulheres e a pessoa que tinha um esquema religioso que era contra tudo isso tão bem montado na cabeça. Foi catastrófico! E quando duas coisas muito fortes batem, elas quebram. E foi caco para todos os lados, eu fiquei quebrada por um bom tempo.

Com isso, eu senti que tinha que fazer uma escolha, a qual elaboro até hoje. Para mim, não tinha o meio termo, eu não consegui conciliar, não tinha espaço para isso, eu tinha que escolher para que lado eu ia. Ou eu fazia a mesma coisa que fiz com Sabrina – que foi jogar embaixo da terra, colocar uma pedra em cima e continuar seguindo minha vida –, ou eu assumiria esse desejo e mudaria minha vida inteira. E não foi uma escolha rápida, do dia para a noite, fiquei um tempo indo à igreja e me arrependendo todos os dias, conversando com as pessoas e dizendo que minha vida estava uma merda, que eu não estava conseguindo lidar com tudo. E dessa vez a culpa que veio foi muito maior do que quando senti em relação à Sabrina.

Escolhi a segunda opção. Na verdade, era a única escolha possível, porque o que eu estava sentindo era muito forte e sabia que o fato de ter tentado colocar uma pedra antes já não tinha resolvido. Por fim, também nessa época, descobrimos que meu pai estava tendo um caso extraconjugal e eu pensei que se ele estava fazendo uma escolha diferente, eu também podia, e isso acabou entrando no meu jogo para me permitir. Escolhi e não foi fácil, sofri demais, acho que foi uma das piores épocas da minha vida.

Acabei aproveitando a oportunidade de morar um ano fora de Goiânia para começar uma vida nova. Foi

muita bagunça, porque de repente, eu podia fazer tudo o que não podia: beber, fumar, transar, usar drogas – e fiz tudo isso. Parecia que tinha soltado um cachorro que estava amarrado. Comecei a questionar várias coisas, limites, ensinamentos, a forma das pessoas lidarem com sexualidade de forma geral, de lidar com sexo, com as leis, com as regras, com a política. Foi um *boom* de questionamentos, e aos poucos começou a ficar mais tranquilo pensar sobre minha sexualidade sem sentir medo. Ainda assim eu não dizia que era lésbica, mas já falava "eu gosto de mulheres!". Achava mesmo que era bissexual, porque lá também tive relações mais e menos intensas com homens. Aos poucos, fui me abrindo para achar uma mulher bonita, para ficar com outras mulheres, e já no final desse ano, faltando uns dois meses para voltar a Goiânia, comecei a namorar uma mulher que conheci numa boate.

Esse namoro durou um ano e foi uma relação muito difícil, mas que fez com que eu contasse para os meus pais. Eu viajava todos os finais de semana para ficar com ela. Então, um dia, minha mãe me ligou e perguntou de forma direta e cortante: "essa pessoa que você está na casa dela é só sua amiga?". Eu respondi "não, não é só minha amiga" e ela respondeu "tá bom, tchau!" e desligou. Eu já tinha combinado dentro de mim que, se surgisse a oportunidade de falar, eu falaria, e isso ajudou. Só que eu sabia que, chegando em Goiânia, eu teria que conversar com meus pais. Fiquei muito tensa, fantasiando um milhão de coisas, planejando uma fala, e sabia que a conversa passaria pela religião, e foi exatamente isso o que aconteceu. Meus pais abriram a Bíblia,

falaram que eu estava errada por tal e tal motivo, me perguntaram como estava a religião para mim, o que eu pensava sobre tudo aquilo que eu tinha vivido a vida inteira, e se eu abriria mão de tudo. Eu estava esperando esse tipo pergunta, porque eu já tinha me perguntando tudo isso. Então eu disse que muita coisa tinha mudado, que eu não acreditava mais naquilo; tive uma postura de ateísmo, o que hoje eu não faria. E eles me disseram que eu estava muito cega, que eu não sabia o que estava fazendo e que o diabo estava muito na minha vida. Falaram que eu estava completamente louca, que não fazia sentido eu fazer algo assim. Como? De onde eu tinha tirado isso? Foi uma conversa muito difícil, muito, muito difícil, mas eu não esperava que fosse mais fácil. Eles falaram "você não acredita mais?!?" e eu disse "não" morrendo por dentro. Depois de viver 23 anos uma coisa, não dava para dizer um não tranquilamente, até hoje eu ainda penso, é muito forte tudo isso. E eu disse sabendo que estava negando muita coisa que tinha me constituído como pessoa, isso é muito pesado! No final, meus pais falaram que não iam cortar minha mesada, nem pegar meu carro, que eles só ficavam muito tristes.

Então, eu usava meu carro e minha mesada para continuar visitando minha namorada, mas era muito difícil. Acho que só faltava ela ser homem para meus pais a aceitarem, porque ela cabia nos padrões deles, justamente os que eu não queria mais para mim. Ela era conservadora e muito preconceituosa com várias coisas, e eu estava tentando romper com isso. Não foi fácil manter uma relação com uma pessoa que me trazia tudo aquilo que eu não queria mais. Eu a ouvia falar

o que meus pais falavam e não dava mais. Quando chegou num ponto crítico de crise, a relação acabou.

Quando terminei com ela, eu não tinha tesão algum por homens, e tinha muito por várias mulheres, queria engolir as mulheres. Eu falava “gente, só tem mulher bonita nesse mundo!”. Percebendo esse meu movimento, aí que eu comecei a pensar “ah, eu acho que é isso, acho que sou lésbica mesmo”. Chegou esse ponto e foi muito mais leve, dizer isso agora é super leve. Às vezes tenho a impressão de que estar com mulher é mais sério do que com homens, mas pode ser que seja diferente algum dia. Eu deixo essa questão da identidade menos fixa, menos rígida. Apesar de dizer que sou lésbica, não sei se vou ser assim para sempre.

Com isso, eu perdi amigos, tem pessoas com quem eu não converso até hoje. Eu lembro que quando eu comecei a ter a relação com Sabrina, houve alguns rumores e uma amiga minha me defendia dizendo que era mentira, que ela tinha certeza de que eu não chegaria a esse ponto, que colocava a mão no fogo por mim. Depois que soube, ela ficou grilada comigo, como se eu tivesse mentido para ela e, mesmo eu dizendo que tinha na verdade mentido para mim mesma, não adiantou, ela rompeu nossa relação, não conseguiu lidar com o fato de eu ter mentido e ter virado lésbica. Ela achava que nunca aconteceria comigo, do mesmo jeito que eu também achava. Essas coisas não aconteciam com gente próxima a nós, eu era líder dos grupos da igreja, era exemplo, eu não só recebia ensinamentos, como dava também, eu era uma pessoa a ser observada pelas minhas boas qualidades. E não aconteceu só com essa amiga. Quando eu vi que de fato

tinha feito a escolha de assumir meu desejo, fui me afastando gradualmente de todos meus amigos da igreja. Eu não conseguia olhar para eles, não sabia o que conversar com essas pessoas. É que primeiro você é cristão, depois você é você. Então quando tirei essa primeira parte, nem eu sabia o que tinha sobrado. Eu não dei conta de lidar com eles, eu sabia que, se entrasse numa discussão, não conseguiria dizer que eles estavam errados, porque era forte em mim o argumento de que eu estava me deixando ser levada pelas coisas do mundo, estava cedendo demais, que a homossexualidade era uma coisa perigosa. Eu achava que era muito perigoso, tanto é que tive medo de sentir desejo, eu pensava "nossa, agora eu sou desprezível mesmo", e você não quer estar com pessoas que te lembram isso. Cortei relações por falta de habilidade em lidar com minhas questões, essas pessoas ainda me lembram isso.

Minha família inteira continua religiosa. Eu já me acostumei um pouco com meus pais, mas estar em contato com outros familiares, com minha tia, minha avó, meus sobrinhos, meu cunhado, me deixa tensa. Nos almoços de família, quando começa uma discussão religiosa, eu saio da mesa, penso que se sair de fininho, ninguém vai perceber. Uma grande dificuldade é minha avó, que é uma pessoa declaradamente homofóbica. Ela mora do lado de onde eu trabalho, então a vejo todos os dias e é como se eu tivesse que vestir uma outra roupa para encontrar com ela. Sempre que me vê, ela tem alguma coisa de Deus para me dizer. Ela acha que ainda sou evangélica e que só não estou indo à igreja, porque se for assim, tudo bem, o importante é não abrir mão da fé. Tem hora que fico

num beco sem saída, é difícil, tento puxar outros assuntos para aliviar um pouco. Sou psicóloga e tenho uma tia que veio me dizer que acha que não há algo melhor do que ser psicóloga e cristã. Eu acho um inferno! Acho terrível, mas não falo para ela, não enfrento minha família. Nem sei se eu deveria enfrentar, acho que o fato de meus pais serem tranquilos comigo me faz sentir que não posso abusar, sinto o peso de ter que segurar a onda com eles, fico querendo não dar esse desgosto.

Eu acho que a religião faz função de pai e de mãe de um jeito muito severo. Eu fico com muita raiva por tudo ter sido desse jeito, sendo que poderia ter sido mais tranquilo. Ao mesmo tempo, penso que é lamentável, porque as pessoas ainda precisam da religião, e elas estão lá construindo esse pensamento que destrói a liberdade das pessoas, é um meio muito pobre para trabalhar com o que a gente sente e vive. A Igreja quer impor uma realidade muito falsa e impossível de ser seguida e usa a culpa como mecanismo de controle, é culpa para tudo. Eu acho muito absurdo esse jeito, também por ver essas coisas acontecendo em mim, e é tão forte que impede ações, como essa de enfretamento.

Hoje faço análise e, se todos os dias da minha vida eu falei e vivi tudo o que foi construído, é lá que falo de novo e assim posso construir outra história. Percebo que tem coisas que se incorporaram ao meu jeito de ser, como o fato de não conseguir me impor contrariamente a alguma questão, que veio dessa educação que só teve o “porque não!”. O “porque não” nunca veio com um ponto de interrogação na frente: “por que não?”. A Igreja não coloca pontos de

interrogação, não pensa, só enfia goela abaixo e isso é devastador, foi devastador para mim. Meu trabalho hoje é ficar colocando ponto de interrogação nas coisas para depois conseguir, quem sabe, enfrentar um pouco mais.

3.3. Bruna

> "não dá para alguém exigir que eu seja hétero, que eu seja normal se o meu normal é ser assim."

Até a 8ª série, eu sempre fui apaixonadinha nos menininhos, mas já tinha a pulga atrás da orelha, não me achava 100% hétero. Só que eu cresci na igreja e desde pequena, aliás, desde sempre tinha aquela coisa de que é pecado e de que vai morrer e ir direto para o inferno. Então, eu não dava abertura nem para pensar, porque eu não podia dar margem para isso, não podia deixar florescer, me boicotava logo. Era ruim também não ter com quem conversar sobre esse assunto, era um mundo completamente distante do meu, me lembro de ter uns 12 anos e querer conversar com minha melhor amiga da igreja, porque queria saber se ela era igual a mim, se as outras meninas também eram assim, mas nunca tive coragem.

O tempo foi passando até que, aos 19 anos entrei na faculdade e reencontrei uma amiga da época da escola. Ali nos tornamos melhores amigas e ela me contou que *era*. Depois disso, todos os dias eu chegava com uma pergunta nova sobre a descoberta

dela, o desejo, os namoros, os relacionamentos, eram muitas perguntas, porque eu queria me confirmar, ver se eu me encaixava em alguma coisa. Eu morria de vontade de saber se eu era ou se não era, essa era a grande questão! Até então eu não falava sobre mim e ninguém questionava. Numa dessas conversas, essa amiga me falou daquele seriado *The L Word* e eu resolvi assistir super escondida. Aquilo me causou tantas reações químicas e biológicas que eu logo falei "não, isso está errado!", porque não podia causar tanta coisa em mim. Então, parei de assistir antes mesmo de acabar a 1ª temporada.

Eu e essa amiga éramos muito grudadas, não tínhamos problema de abraçar, de pegar, de fazer brincadeiras, então eu ficava a atentando. Por exemplo, ela ia dormir na minha casa e eu ficava passando a mão, brincando, e ela quietinha na dela, não fazia nada, só rindo e brincando, até que um dia as brincadeiras já estavam indo para outro lado, então eu falei "Não! Eu vou parar com isso!", me bloqueei e não brinquei mais desse jeito. E continuei assim, me bloqueando, me podando, não permitia pensar nisso. Quando algo acontecia, dizia para mim mesma "não!", "é errado, ponto final!", "você não vai pensar mais nisso!", "você não vai ver esse seriado mais!".

Nessa época, comecei a namorar um amigo da igreja. Tinha desejo, mas eu não o amava e, no fim, nos tornamos melhores amigos e terminamos, já que não seríamos mais que isso. Até falei a ele que *eu tinha desejo* (por mulheres) e ele achou que a culpa era dele, mas expliquei que essa história era mais antiga.

Depois disso, me aproximei de uma garota da igreja, que eu achava que tinha uma cabeça mais aberta, e que não era igual às outras menininhas fechadinhas super fúteis. Então um dia comecei a conversar com ela e contei da minha dúvida, que eu achava que gostava de menino e de menina, mas que nunca tinha beijado mulheres. Ela foi super tranquila e me sugeriu iniciar uma psicoterapia para que eu pudesse me conhecer melhor e lá fui eu. A questão era a vontade de me definir e me enquadrar em alguma coisa. Não era tanto me enquadrar (era também), mas eu queria só saber quem eu era, porque como que você fala que é alguma coisa sem ter tido experiência com aquilo? Eu nunca tinha beijado menina, então eu tinha uma vontade grande de me conhecer, de saber quem eu era, se eu era ou se eu não era, se esse desejo de fato era real, se eu gostaria ou não de quando eu beijasse e me relacionasse com uma menina, se era tudo ilusão da minha cabeça, se era influência das minhas amigas que são gays, queria saber de onde começou, de quem era a culpa...

Na terapia, eu contei, morrendo de vergonha, que eu sentia coisas, que achava que gostava de meninas, mas que não tinha me apaixonado por alguma ainda. Cheguei lá sem me aceitar, então o primeiro passo foi aceitar que o desejo era real e isso demorou uns oito meses. Porque é algo que está escrito na Bíblia. Eu sei que depende da interpretação de cada um, mas geralmente quem está mais bitolado já interpreta que é errado, que é pecado, que vai para o inferno e que Deus abomina. Eu lia e ficava confusa e apreensiva, não entendia como Deus me abominaria... Então, tive esse primeiro processo na terapia de aceitar que o

desejo era real e que não adiantava eu bloquear o pensamento e fingir que não estava acontecendo.

O segundo processo foi ‘o que fazer agora que você sabe que é real’ e minha decisão sempre foi para o ‘não’. Eu não ia fazer algo quanto a isso, sabia que era real, ok, mas continuaria bloqueando, não me daria essa liberdade de me descobrir um pouco mais nisso e fiquei um bom tempo nesse ‘não’. E a psicóloga dizia que já que eu tinha escolhido esse caminho, a gente tinha que trabalhar para esse lado, então eu tinha que cortar alguns seriados, livros... (risos).

Com isso, eu fui ficando muito triste, era ruim me bloquear, achar uma menina bonita e não poder pensar, até que resolvi optar pelo ‘sim’. Então fui procurar na internet, só que se você digita *‘gay’*, *‘chat’*, ‘lésbica’ ou qualquer coisa assim, é só pornografia, prostituição e *ménage*! Eu entrei no *Badoo* e fui tentando conversar com as pessoas, mas 90% eram casais querendo uma menina para fazer *ménage*. E isso me reprimiu de uma forma tão forte que pensei “será que é isso? Esse mundo é só isso?”. Fiquei mal, me sentindo tão suja que resolvi me bloquear de novo. Voltei pro ‘não’ e fiquei mais um tempo quieta, só que uns meses depois, voltei a ficar super triste e deprimida, então resolvi tentar de novo.

Aí eu descobri o aplicativo *Brenda* que é de *chat* só para lésbicas, ele fala até a distância entre você e a outra pessoa! Conheci minha namorada lá. Começamos a conversar, fluiu e a gente foi para o *Facebook*. Ela era toda roqueira, tatuada, eu até achava que era demais para mim, mas uma amiga falou

para eu deixar de ser preconceituosa (risos). O papo estava ótimo, eu estava a achando super interessante, então logo marcamos um encontro. Fomos ao cinema, nos beijamos no carro e foi tudo bem intenso, eu não acreditava que já estava apaixonada por uma menina que tinha conhecido há 3 dias. No dia seguinte saímos de novo e ela me deu um ultimato: eu tinha que saber o que eu queria da vida, se era homem ou mulher. Para ela, eu não podia ficar nessa pouca vergonha sem me definir num só. Tem muito esse preconceito com quem se diz bissexual e, como eu não sabia, essa conversa me assustou. Eu chorei, ela também, parecia que a gente se conhecia há tempos e que estávamos terminando um relacionamento de anos, essa foi a intensidade do momento.

Eu pedi um tempo para pensar sobre isso e logo marquei uma sessão de terapia. É que para mim tudo ficou como se o ultimato tivesse sido para eu decidir logo se ia namorar ou não. E todas as vezes que minha psicóloga tinha me perguntado se eu namoraria uma menina, eu dizia “não, jamais! Eu não vou dar essa decepção para minha mãe”. Eu não tinha certeza do que estava sentindo, só sabia que se eu fosse namorar, seria escondido, porque eu não ia me assumir para os meus pais e também tinha dúvidas de como isso funcionaria. Mesmo assim, quis me dar essa chance, porque se não, eu nunca descobriria.

Então, marquei um encontro com ela, comprei brigadeiros e escrevi um cartão perguntando se ela queria namorar comigo. Também fiz todo um discurso que decorei falando que era para cada uma dar o que conseguisse dar, que eu não queria exigir nada dela e não queria que ela exigisse de mim e assim deu tudo

certo. No final das contas, ela nem acreditou, porque só queria mesmo saber se eu gostava de mulheres ou de homens (risos). E é isso, a gente está namorando há um ano e um mês! Desde o momento que eu decidi namorar, senti uma liberdade tão grande, uma alegria que eu não podia conter, até minha mãe percebeu que eu estava diferente, super feliz. Eu virei outra pessoa por ter me permitido me descobrir, por me dar essa liberdade. Fiquei super feliz comigo! Depois dessa etapa de liberdade, tenho agora planos de noivar e casar, estou nessa fase e não penso em procurar homem. É que na verdade, eu sempre tive aversão ao órgão sexual masculino, tive contato com meu namorado e não gostei de jeito nenhum, mas os beijos e abraços eram bons, por isso que eu sempre tive a dúvida se eu era bissexual ou não. Só que depois que eu tive mais contato com mulher e comecei a namorar e tive relações com ela, falei "é, eu não gosto de homem não!".

A minha família inteira, tanto da minha mãe quanto do meu pai, foi criada na igreja e não tem alguém que eu saiba que seja gay. Eu seria a primeira, então eu penso em contar só quando eu sair de casa, porque hoje eu dependo totalmente deles. Mas a minha namorada dorme na minha casa na mesma cama que eu, só temos que lembrar de não falar os apelidinhos, mas minha mãe já gosta demais dela, ficam as duas tomando uma cervejinha, então fica assim nesse clima, ela frequenta lá como minha melhor amiga.

Ela foi criada em igreja católica, mas não gosta muito desses assuntos, acha que cada um tem que cuidar da sua vida e pronto, mas já a levei na minha

igreja umas duas ou três vezes. Só que eu me distanciei um pouco da Igreja, porque eu me afastei um pouco das amigas e também agora domingo é dia de pedalar com a namorada e fico cansada. Então tem tempo que eu não vou, aí eu ouço em casa a pregação de um pastor que gosto muito, que tem uma postura bem amorosa em relação aos homossexuais.

Em relação à Igreja, eu lia a Bíblia e refletia sobre mim, conversava com a psicóloga e fui crescendo no entendimento de que as coisas que estão escritas sobre abominação foram para um determinado povo de uma época e por um homem, machista e judeu. Eu entendo que não fala a todos os gays, mas sim dessa promiscuidade de todo dia ter um relacionamento com uma pessoa diferente, transar com todo mundo. E se você me perguntar se tenho certeza de que é isso, eu não tenho, mas, sempre que tenho dúvidas nesse sentido, recorro aos relatos sobre Jesus, e Ele acolheu e amou todo mundo. Se eu creio que Jesus é o próprio Deus que veio aqui para ensinar como é que a gente tem que viver, fico tranquila. Eu acho que ninguém tem o direito de falar sobre meu relacionamento com Deus, e entre eu e Ele está tudo bem, é meu Pai, eu sou a filha amada, então está tudo tranquilo.

Minha relação com Deus não esta vinculada à instituição. Com certeza, tem gente da igreja que não pensa igual a mim, mas todo meu crescimento e da minha relação com Deus foi para esse entendimento. A questão de frequentar uma igreja é por conta das pessoas e para ouvir uma palavra, e isso eu ouço em qualquer lugar. Só falta a conexão com as pessoas. Então acho que no futuro, quando a gente estiver

> morando em outro lugar, talvez eu procure uma igreja mais inclusiva. A minha próxima igreja vai depender um pouco desse aspecto e enquanto isso, eu continuo vendo pela internet os pastores que gosto.
>
> Sobre a homossexualidade, eu acho que algumas pessoas nasceram assim e que outras ficaram assim por alguns motivos. No meu caso, eu não sei, mas também não tenho mais essa preocupação de saber o início disso tudo. Só sei que não dá para alguém exigir que eu seja hétero, que eu seja normal, se o meu normal é ser assim.
>
> ---

Pode-se perceber, nas três trajetórias, que os segmentos religiosos que as interlocutoras vivenciaram desde muito cedo na vida, constroem a homossexualidade como 1. um pecado que leva direto ao inferno; e 2. algo que pode ser negado e curado. Sendo assim, as violências evidenciadas nesse capítulo dizem respeito ao conflito gerado pela relação entre essa crença e mulheres que se percebem com desejos afetivo-sexuais por outras mulheres.

É possível dizer que os discursos religiosos possuem uma dependência daqueles que os difundem e também de quem acredita e vive a partir dos mesmos. Assim, é visto que a ideia sobre a homossexualidade foi ensinada para as interlocutoras e depois internalizada, passando a ser uma verdade delas. Com isso, Laura, Gabriela e Bruna executam o papel de fiscais de suas próprias sexualidades, o que resulta num conflito interno cotidiano gerador de culpa.

Frente a isso, as três interlocutoras tiveram que “manobrar”. E aqui se defender de suas dinâmicas religiosas diz principalmente da necessidade de construir “manobras” diante da possibilidade de serem tão pecadoras quanto uma “estupradora” ou uma “assassina”, de serem castigadas a uma vida infeliz e, consequentemente, condenadas ao inferno.

É importante destacar que Laura e Bruna, num primeiro momento, usaram a negação da existência de seus desejos como estratégia de defesa (por exemplo, quando a primeira nomeia sua relação com Sabrina apenas como amizade). Porém, essa

“manobra” não foi suficiente, o que exigiu um movimento de defesa diferente: a entrada em um processo psicoterapêutico/analítico.

Tal processo psicoterapêutico/analítico vivenciado por essas duas interlocutoras permitiu a construção de um segundo momento de “manobras”. Tanto Laura quanto Bruna passaram a aceitar seus desejos sexuais e afetivos por outras mulheres e a abrir espaços para a concretização dos mesmos. Gabriela também relata a importância da análise em sua trajetória. E assim, as três interlocutoras mostram como a presença de um apoio psicológico é necessária e determinante para se manter em pé, enxergar novas perspectivas, refletir e entender seus desejos, sua história e ter um presente com possibilidades de um futuro melhor.

As três histórias contadas evidenciam que esse movimento de aceitação e concretização não se deu sem conflitos. Confirmando aqui a ideia de que as dinâmicas religiosas também produzem conflitos, é visto que a questão central que se tornou pauta na vida dessas mulheres – e que, de alguma forma não deixou de ser – é a de como se relacionar com deus ao mesmo tempo em que se relaciona com mulheres.

Sobre isso, tanto Gabriela quanto Laura evidenciam que uma conciliação não é possível, o que gera na primeira muita culpa e na segunda um afastamento de todo seu passado religioso. Já Bruna consegue construir possibilidades de uma dinâmica religiosa que abre espaços para ela enquanto uma mulher lésbica, sendo que a preocupação é apenas encontrar uma igreja “mais inclusiva”.

Por fim, é importante destacar que os segmentos religiosos de Gabriela, Laura e Bruna tentam construir um mundo desconectado de toda uma diversa realidade que existe não só fora, mas também dentro de seus espaços. O imperativo da culpa, do “não” e da proibição está impregnado na vida dessas mulheres, por mais que elas se esforcem para construir novas histórias de si. Que sociedade é essa que impõe tamanha necessidade de doutrinas inquestionáveis? Quanto medo precisa ser encucado para que os dogmas se mantenham infalíveis? Até quando tanta violência continuará acontecendo tão corriqueiramente?

* * *

Esse capítulo buscou possibilitar a reflexão sobre a forma como dinâmicas religiosas atuam na vida de mulheres lésbicas, produzindo violências cotidianas. Um ponto marcante aqui é o da internalização do discurso religioso acerca da sexualidade, o que faz com que haja conflitos internos também cotidianos. As interlocutoras também colocaram em pauta suas dúvidas, medos, culpas e dificuldades vividas por desejarem e se relacionarem com outras mulheres. Ainda assim, Gabriela, Laura e Bruna "manobraram", abrindo brechas para vivenciarem suas sexualidades e para conciliarem mais ou menos seus desejos afetivo-sexuais com suas dinâmicas religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho foi refletir sobre lesbianidades, violências cotidianas e “manobras” por meio de trajetórias de vida de mulheres em Goiânia. A partir das histórias de vida de Rita e Cecília, Tina, Silvia, Gabriela, Laura e Bruna, é possível perceber a subjetividade das interlocutoras, e o que fica evidente é que mulheres lésbicas estão marcadas de forma mais ou menos intensa e direta por violências cotidianas, sendo que estas podem estar inseridas em dinâmicas familiares e religiosas, como foi evidenciado.

Aqui é importante retomar a ideia de Butler – inspirada por Austin – sobre a relação entre a sociedade e o sujeito, na qual há normas e leis que atuam pelo discurso (TIBURI, 2003). Assim, se tornar sujeito significa se inscrever em um cenário ontológico que é promovido por discursos e por toda sua materialidade no âmbito da ação e da vida. E as “palavras provocam ações e atuações” (p. 22) em sujeitos concretos, normatizando o que é ser homem, ser mulher, ser heterossexual, ser homossexual ou simplesmente ser. Assim, as palavras, que constroem a lesbianidade como algo errado e/ou pecaminoso produzem violências e trajetórias marcadas por culpa, dor e sofrimento.

Com isso, é possível dizer que as interlocutoras desta pesquisa evidenciam como os discursos sociais acerca da sexualidade são reiterados por representantes familiares e religiosos, os quais tentam limitar as possibilidades de existência de desejos que estão além do que é normatizado. E é visto que essas tentativas de impor limites se dão sempre de forma violenta, cotidiana e, muitas vezes, naturalizada.

Louro (2013) afirma que

> performativos de gênero são repetidos constantemente. Citados e recitados em contextos e circunstâncias distintas; no âmbito da família, da escola, da medicina; na mídia, em suas mais diversas expressões; nas regulamentações da justiça ou da religião. Não obterão, contudo, exatamente os mesmos resultados. Os efeitos performativos são sempre imprevisíveis. (...) É na possibilidade do fracasso que reside o espaço para a ressignificação e para a subversão no terreno dos gêneros e da sexualidade (p. 33).

Porém, a possibilidade de atuação dos sujeitos é um caminho de duas vias. Isso porque a reorganização das normas regulatórias pode gerar tanto danos simbólicos e físicos, morais e sociais, como ressignificações dos gêneros (LOURO, 2013).

A subjetividade é tida aqui como algo que foge de qualquer noção universal e natural. Sendo assim, tentar compreender o mundo subjetivo dessas mulheres exige a compreensão também do mundo que as cerca. A subjetividade é construída a partir das relações estabelecidas com o mundo material e social, o qual também só existe a partir da atividade humana. Há um movimento relacional entre mundo e sujeitos, sendo que nenhum deles existe *a priori* (BOCK, 1998).

Com isso, quero dizer que as trajetórias narradas nos capítulos anteriores estão diretamente ligadas ao contexto social e histórico em questão. Encontrar mulheres relatando que sentem culpa e medo por sentirem desejo por outras mulheres é a confirmação da presença de discursos e ações de uma sociedade que é heteronormativa.

As teorizações de Das (1999) sobre violência permitem alcançar uma conclusão a respeito das trajetórias presentes nos capítulos 2 e 3: as interlocutoras contaram histórias que evidenciaram violências cotidianas e, por isso, as mesmas são passíveis de serem narradas. É possível perceber que as seis histórias remontam violências que fazem parte do cotidiano daquelas mulheres. Desde quando elas se percebem com uma sexualidade diferente daquelas pessoas ao seu redor, diversos contextos violentos passam a fazer parte de suas vidas, seja por meio de alguém de fora como mãe, pai, amiga, pastores, desconhecidos na mesa ao lado do bar, ou por meio da internalização da lógica dominante, a qual gera arrependimento, culpa e sofrimento.

Outro ponto de destaque aqui é que essas violências são naturalizadas socialmente. Sendo assim, fazem parte não só de contextos micro, mas também estão completamente conectadas a um contexto social macro, que é responsável pela reiteração do controle dos corpos e que tenta forçosamente criar uma coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual.

Sobre o contexto social, Maroja (2014), em sua discussão sobre direitos humanos e lesbianidade, apresenta o resultado de uma pesquisa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) realizada em 2010, na qual 34% das pessoas participantes assinalaram que os “Direitos Humanos deveriam ser apenas para *pessoas direitas*”. A partir disso, a autora questiona a possibilidade de se pensar sobre liberdade, igualdade e dignidade para pessoas que ainda hoje têm sua humanidade constantemente questionada e/ou negada.

Ainda de acordo com a Secretaria de Direitos Humanos (SDH), cerca de 6.809 denúncias de violações aos direitos humanos de homossexuais foram registradas em 2011. E cada vez mais aumentam as estatísticas de homicídios e de agressões psíquicas

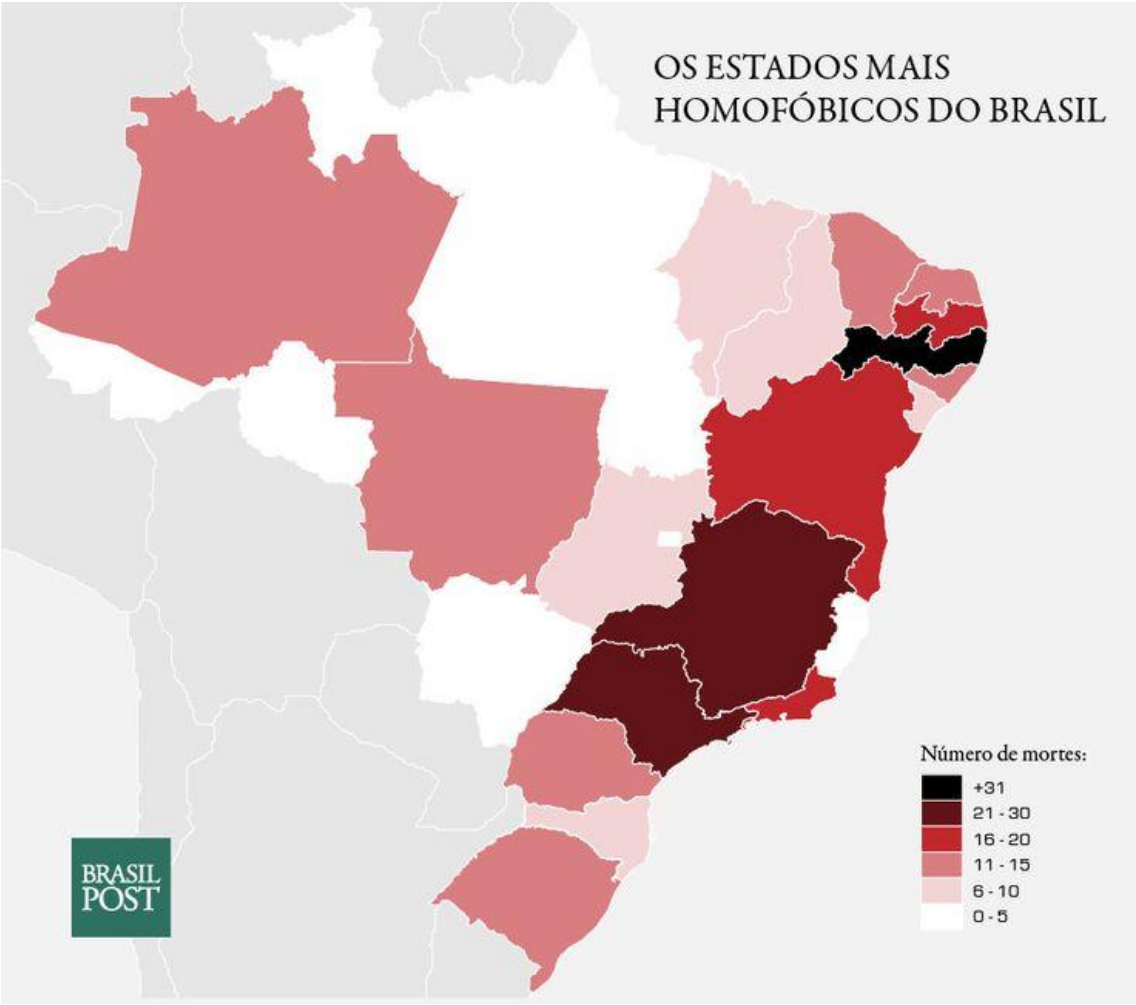
e morais à comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). O fato de o sistema legal brasileiro não possuir leis específicas que combatam e reprimam a violência homofóbica é um ponto essencial para a fomentação de uma cultura de manutenção e impunidade de atos violentos contra a população LGBT (MELLO, 2012).

Outro fato que o autor acima citado levanta é o fundamentalismo cristão ocupar espaços políticos e promover a discriminação, sendo a agenda de direitos constitucionais de LGBT um dos alvos imediatos e diretos desses setores. Além disso, a presença do ensino religioso nas escolas tem sido uma maneira de difundir homofobia (MELLO, 2012), o que faz com que o contexto social brasileiro seja ainda fortemente marcado pela norma da heterossexualidade, a qual estabelece essa sexualidade como padrão, normal, comum e natural.

Uma confirmação disso é o fato de o peemedebista Eduardo Cunha ter sido eleito presidente da Câmara dos Deputados em fevereiro de 2015. Sendo parte da bancada evangélica e defensor da vida e da família, Eduardo Cunha apresentou, em 2010, um projeto de lei que criminaliza a discriminação contra heterossexuais e, enquanto presidente, se comprometeu a rejeitar todas as tentativas de liberalização do aborto e criminalização da homofobia. A partir dessa conjuntura, construir uma realidade que não produza violências contra mulheres lésbicas se torna cada vez mais difícil.

Na tentativa de ilustrar esse contexto brasileiro, o Grupo Gay da Bahia (GGB) fez um mapa sobre os estados mais homofóbicos do País em 2013:

Figura 5 - Mapa da homofobia no Brasil



Fonte: Brasil Post (2014)

Esse mapa serve não só para identificar pontualmente os estados mais violentos, mas principalmente para evidenciar a realidade macro do Brasil, que se configura sem dúvidas como um país homofóbico. De acordo com um levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), o número de mortes de mulheres lésbicas é menor do que o de gays e travestis, porém elas são mais agredidas e violentadas no ambiente familiar.

Todos esses dados comprovam que, por estarem fora da fronteira da norma, mulheres lésbicas correm o risco de sofrer tanto violências naturalizadas quanto violências que não habitam a linguagem e testam o sentido de ser humano – aquelas que extrapolam o que é reconhecido e legitimado socialmente como uma violência possível – nomeadas por Das (1999) como violências extraordinárias. E tanto a primeira quanto a segunda são perigosas, porque seja por meio da naturalização ou da negação da

violência, ambas permitem e legitimam a eliminação dessas mulheres, de forma simbólica e física.

É claro que é importante destacar que também se trata de um contexto em que há agenciamento, à medida que uma mulher lésbica consegue abrir brechas para se defender e se manter reafirmando sua existência e trajetória enquanto desejante de outras mulheres, como Paola indica no capítulo 1 desse trabalho: sendo lésbica, "você tem que ficar manobrando as coisas" (p. 35). E é justamente por estar inserida num contexto social violento que "manobras" acontecem. Assim, a "manobra" é uma forma de agência, é atividade defensiva em relação à violência, é resistência à sociedade heteronormativa que coloca a lesbianidade em situação de violência de diversas maneiras. "Manobrar as coisas" é uma das formas de ser ativa diante disso tudo, de ser sujeito e não vítima passiva.

Algo que não pode ser calado é: a que custo o agenciamento é possível?

Exceto Silvia, todas as interlocutoras trazem em suas histórias relatos de uma trajetória marcada por violências cotidianas, as quais ressoam em suas vidas ainda no presente. A reafirmação diária de seus desejos reatualiza a violência internalizada e o presente é movido por isso, seja no rancor de Rita pelos pais, na incerteza de Laura e Bruna de estarem no caminho certo, na culpa de Gabriela por ter desejos afetivo-sexuais por mulheres, ou na tristeza de Tina por não ter persistido. Há uma relação entre desejo-violência-culpa que perpassa a maioria das trajetórias aqui contadas. E é dessa forma que continuam construindo suas trajetórias. A necessidade de resistir, se mantendo firme contra dinâmicas familiares e religiosas que insistem em deslegitimar seus desejos, não é um processo simples.

Mulheres lésbicas experienciam violências cotidianamente, mas pouco se diz sobre isso. É importante que histórias como as de Laura, Bruna, Silvia, Tina, Gabriela e Rita corram o mundo e ocupem espaços não só acadêmicos, mas principalmente fora deles, tais como lares, igrejas, ruas, bares, cinemas, televisão, redes sociais, etc. Essas mulheres foram apenas um recorte de uma realidade maior que precisa ser transformada.

A naturalização e o silêncio de violências precisam ter fim. As fronteiras construídas por instituições machistas, masculinas, brancas, sexistas e homofóbicas devem ser demolidas. Assim, esta dissertação tem como intenção ser um explosivo estrategicamente posicionado frente à heteronormatividade de forma a contribuir na luta

contra toda e qualquer violência não só às lesbianidades, mas também àquelas e àqueles que vivem fora das normas e fronteiras.

Destaco que essa pesquisa buscou contribuir para que cada vez mais mulheres lésbicas sejam colocadas em foco, de forma a romper com discursos dominantes. E ainda para que a lacuna de estudos apontada por Hammes (2013), acerca da homofobia familiar, seja um pouco menor. Com isso, é importante que seja apontada a necessidade de pesquisas futuras que investiguem lesbianidades em conexão com dinâmicas familiares e religiosas, de forma a problematizar e denunciar violências cotidianas e extraordinárias.

A partir do meu processo de pesquisa, destaco alguns pontos de reflexão para novas pesquisas. Primeiramente, o processo de redirecionamento dado pelo campo, o que coloca o Termo de Consentimento (TCLE) como algo que não deve congelar nenhuma proposta de investigação, reconhecendo assim que constantes negociações acontecem à medida que a pesquisadora entra em campo. Também destaco o fato de as interlocutoras colocarem em pauta dinâmicas familiares e religiosas, evidenciando que tais dinâmicas ocupam espaços importantes na constituição do entendimento e da vivência de sexualidades, podendo atuar de forma a construir uma realidade mais ou menos violenta.

Além desses pontos, também ressalto a importância de se perceber a cotidianização de violências nas trajetórias de mulheres lésbicas. Isso faz com que conflitos, culpas e medos também façam parte de suas rotinas impondo a necessidade de que estratégias, habilidades e “manobras” sejam realizadas como formas de defesa e resistências.

Termino esse trabalho indicando que as lesbianidades devem ser pautas não só de futuras pesquisas, mas também de reflexões informais, caseiras, de caráter micro. Também desejo que as próximas trajetórias contadas falem muito mais sobre felicidades, encontros, suavidade, leveza, e que isso sim passe a ser comum, cotidiano, natural e banal. E que os sofrimentos de mulheres lésbicas sejam como sofrimentos quaisquer, bem como as felicidades, e nada mais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Vicentini Rodrigues de. “Manda quem pode, obedece (quem) não tem juízo” – Corpo, Adoecimento mental e Intersubjetividade na Polícia Militar Goiana. Goiânia, 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás.

BARNES, John Arundel. Redes sociais e processos políticos. In: FELDEMAN-BIANCO, Bela (Org.). *A Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global, 1987, p. 159-193.

BERNARD, Harvey Russel. *Research Methods in Cultural Anthropology.* California: Sage Publications, 1988.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: exigência para la Psicologia atual. *Psicologia para América Latina*, n.1, p. 1-10, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M. & AMADO, Janaina (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 8ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.183-191.

BRAZ, Camilo; PARREIRAS, Carolina. Mas você é gay também? Algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, 2008, Florianópolis. *Anais do VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis: UFSC, 2008, p. 1-6.

BRAZ, Camilo. Vestido de Antropólogo - nudez e corpo em clubes de sexo para homens. *Revista Bagoas*, v. 02, n. 03, p. 75-96, 2009.

BRAZ, Camilo; MELLO, Luiz. "Éramos 9 gays, 20 policiais e a imprensa local" - narrativas (de) militantes sobre as paradas do Orgulho LGBT em Goiás. In: PASSAMANI, Guilherme Rodrigues (Org.). *(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. O combate à homofobia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 33-47.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, Edson (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 40, p. 31-42, 1999.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n.13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 50-59, 2005.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 9-35, 2007.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de campo*, n. 13, p. 149-153, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____ *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". In: _____. *Trabalho de Campo & Subjetividade*. Florianópolis: UFSC, Programa de Pos-Graduação em Antropologia Social, 1992. p. 7-18.

HAMMES, Bruno dos Santos. "Prefiro um filho morto do que um filho viado": algumas implicações de quando a homofobia é familiar. *Revista PerCursos*, v. 14, n. 27, p. 178-199, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. *Cult*, n. 185, p. 30-34, 2013.

MAROJA, Daniela. Direitos humanos e lesbianidade em Goiás: um estudo sobre discursos e mulheres "candidatas a cidadãs". Goiânia, 2014. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Federal de Goiás.

MELLO, Eduardo Piza Gomes. A homofobia que mata todos os dias. *Relatório da rede social de justiça e direitos humanos - direitos humanos no Brasil 2012*. S. l., 2012. p. 183-188.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Família e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, v.1, n.18, p. 49-55, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 61, p. 115-132, 2006.

OLIVEIRA, Valleria Araujo de. Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é "ser mulher" no campo de futebol. Goiânia, 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: Reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 45-80.

PATAI, Daphne. *Brazilian Women Speak – Contemporary Life Stories*. New Jersey: Rutgers University Press, 1988.

PETRINI, João Carlos. Notas para uma antropologia da família. In: _____ *Pós-modernidade e família: itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC, 2003.

PINTO, Joana Plaza. O percurso da performatividade. *Cult*, n. 185, p. 35-37, 2013.

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. *Revista Bagoas*, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2010.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Revista Bagoas*, v. 4, n. 05, p. 67-78, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, 2008.

SILVA, Valdir Pierrote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010.

SILVA, Tanieli de Moraes G.; BRAZ, Camilo. Entre Mulheres um estudo antropológico sobre o mercado lésbico em Goiânia. 9, 2012, Goiânia. *Anais do IX Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão*, Goiânia: UFG, 2012.

SILVA, Telma Camargo. Política da Memória: Recompondo as Lembranças no Caso do Desastre Radiológico de Goiânia. In: Freitas, Carmelita Brito de. (Org.). *Memória*. 1ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 1998, v. 1, p. 117-138.

SILVA, Telma Camargo. Registro fotográfico e a dinâmica das negociações na construção da etnografia: minhas experiências com a pesquisa "Bonecas Karajá". *Revista Iluminuras*, v. 14, n. 32, p. 170-192, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sergio (Orgs). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

TIBURI, Marcia. Judith Butler – Feminismo como provocação. *Cult*, n. 185, p. 20-23, 2013.

TOLEDO, Lívia Gonsalves. Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista. Assis, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista.

URANY, Alírio Melo. *Ação coletiva e movimento GLBT em Goiânia.* Goiânia, 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____ *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 121-132.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: _____ *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 97-105.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GLOSSÁRIO

Badoo: é uma rede social utilizada para conhecer novas pessoas - http://badoo.com/pt/.

Boca-a-boca: é uma expressão referente à transmissão pessoal de uma mensagem

Brenda: é um aplicativo de relacionamento lésbico

Facebook: é um site de rede social que permite a conexão entre pessoas de qualquer lugar do mundo - https://www.facebook.com/

Ménage: é uma abreviação de *ménage à trois* que se refere a relações sexuais entre três pessoas

Orientação Sexual: é o termo mais apropriado para se referir ao direcionamento do desejo afetivo-sexual de uma pessoa, tendo em vista que *opção sexual* ou *preferência sexual* pressupõem a possibilidade de escolha de desejos.

Sapa/Sapatão: é um sinônimo para lésbica. É muito comum ser utilizado para se referir à mulher lésbica masculinizada.

"*Sair do armário*": é uma expressão que inicialmente esteve associada à homossexualidade para dizer do momento que a pessoa torna pública sua orientação sexual. Com o tempo, essa expressão passou também a ser utilizada quando alguém assume publicamente posicionamentos e opiniões num contexto conflituoso.

The L Word: é um seriado estadunidense composto por seis temporadas que tem como protagonistas várias amigas lésbicas e bissexuais.

Tomboy: é categoria referente à menina que apresenta comportamentos e características considerados socialmente como masculinos.

WhatsApp: é um aplicativo que permite troca de mensagens virtuais entre celular via internet.

Wolverine: é um super-herói das histórias de quadrinhos da *Marvel Comics*.

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista

1. Qual é a sua orientação sexual?
2. Como/quando se percebeu lésbica/ bissexual?
3. Como “saiu do armário”?
4. Quais foram os impactos disso na sua vida?
5. Com o tempo algo mudou?
6. E como é na sua família?
7. E no seu trabalho?
8. Você é solteira?
9. Você namora/ é casada há quanto tempo?
10. Você pensar em se casar?
11. E pensa em ter filhos?
12. O que passa pela sua cabeça quando você pensa em envelhecimento?
13. Como percebe seu envelhecimento até agora?
14. Você percebe alguma diferença na sua vida social com o decorrer dos anos?
15. Se sim, quais diferenças?
16. Por que acha que isso acontece?
17. Você percebe alguma diferença na sua vida sexual?
18. Se sim, qual/ quais?
19. Você vai frequentemente a alguma ginecologista?
20. Se não, por quê?
21. Se sim, ela sabe que você é lésbica/bissexual?
22. Você percebe alguma diferença na forma de viver de mulheres lésbicas jovens e mulheres lésbicas velhas?
23. Se sim, quais?
24. E por que acha que isso acontece?
25. E percebe diferenças na vivência do envelhecer entre mulheres heterossexuais e mulheres lésbicas/ bissexuais?
26. Você acha que Goiânia permite ou impede alguma expressão sua enquanto uma mulher lésbica/ bissexual?

APÊNDICE B – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, de uma pesquisa. Meu nome é Tanieli de Moraes Guimarães Silva, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Antropologia Social. Sou aluna do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e minha orientadora é a Prof.ª Dr.ª Telma Camargo da Silva, a qual é possível contatar pelo e-mail telcamargos@gmail.com.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no telefone: (62) 92023885. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

- **Título:** Lesbianidades e envelhecimentos – um estudo a partir de mulheres lésbicas em Goiânia

- **Justificativa, Objetivo e procedimentos:** É importante trazer à tona discussões como esta, que abre frestas para explicitar que categorias como mulher, homem, heterossexual, homossexual, feminino, masculino, entre outras, não dão conta da realidade e para a visibilização de mulheres que não se encaixam em padrões reguladores, na tentativa de produzir uma realidade em que haja espaços e possibilidades para quaisquer formas de ser e estar. Sendo assim, esta pesquisa visa refletir sobre a questão central: como se dão as experiências de envelhecer de mulheres

lésbicas em Goiânia. A metodologia utilizada será o método etnográfico e entrevistas semiestruturadas.

- **Riscos:** Considera-se que o único risco apresentado por esta pesquisa é o possível desconforto da entrevistada frente a alguma pergunta que não queira responder. Você é livre para responder somente o que quiser.

- **Benefícios:** Ao participar dessa pesquisa, as interlocutoras estão contribuindo para o processo de visibilização de mulheres lésbicas e legitimação de seus processos e vivências de envelhecimento.

- **Garantias:** a identidade dos participantes será completamente protegida, caso isto seja solicitado, durante e após a pesquisa. Para tanto, os nomes utilizados nas transcrições das entrevistas serão fictícios. As gravações serão mantidas tão somente em poder da pesquisadora, no caso a mestranda que assina este documento, em local seguro e sigiloso. Caso alguma entrevistada o queira, terá posse dos dados originais de sua entrevista. Mesmo assinando este termo, a colaboradora terá liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo de qualquer natureza.

- **Esclarecimento:** A participação na pesquisa é de caráter voluntário, portanto não haverá qualquer tipo de pagamento ou gratificação financeira.

Nome e Assinatura da pesquisadora _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____, como interlocutora. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Tanieli de Moraes Guimarães Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me

garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade

Local e data:_____

Nome e Assinatura: _____